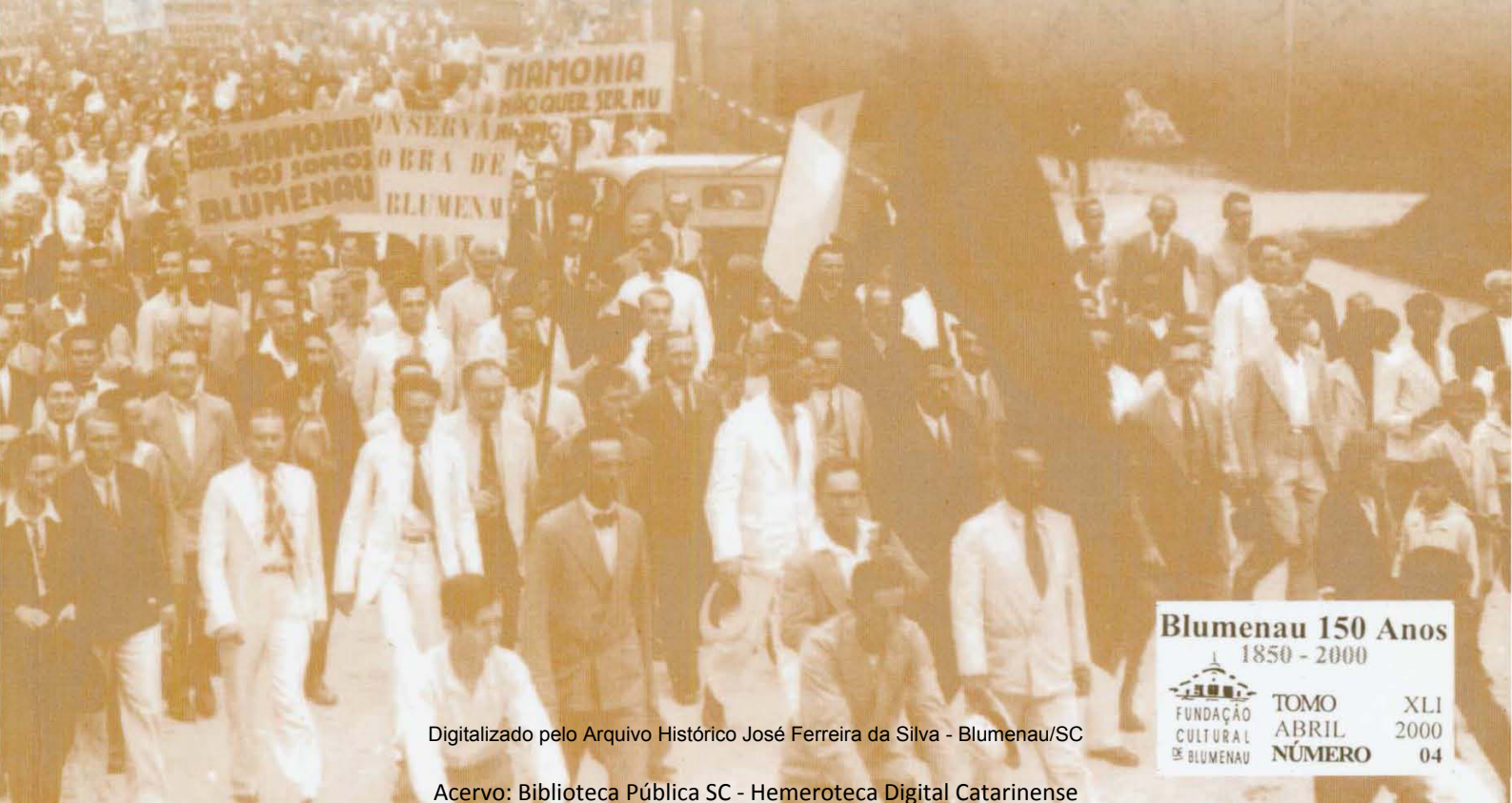
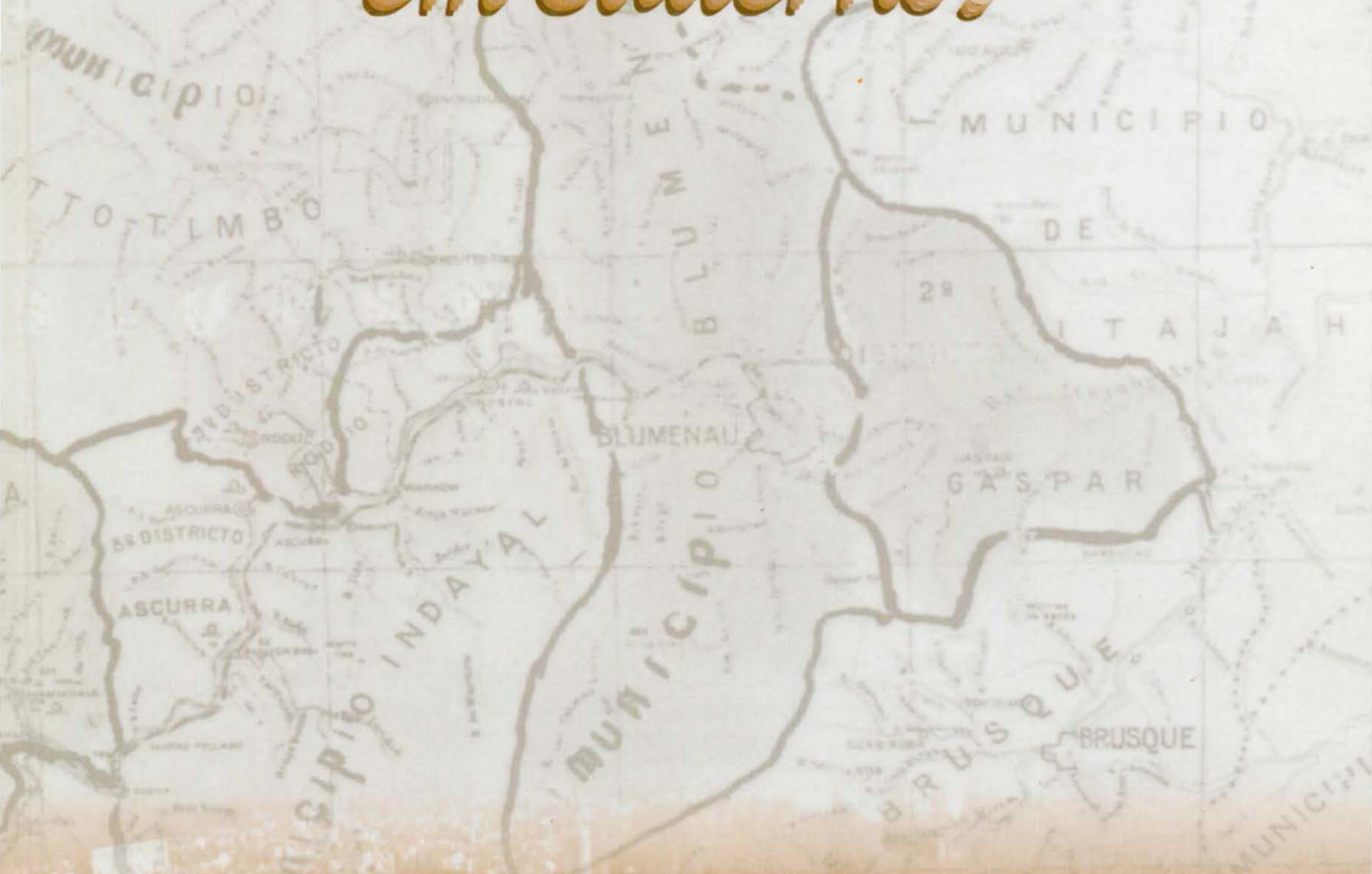


# BLUMENAU

*em Cadernos*



**Blumenau 150 Anos**  
1850 - 2000



TOMO  
ABRIL  
NÚMERO

XLI  
2000  
04

# BLUMENAU

*em Cadernos*

## **Fundação Cultural de Blumenau**

### **Presidente**

Braulio Maria Schloegel

### **Diretoria Administrativo-Financeira**

Maria Teresinha Heimann

### **Diretoria Histórico-Museológica**

Sueli Maria Vanzuita Petry

### **Diretoria de Cultura**

Vilson do Nascimento



**Revista “BLUMENAU EM CADERNOS”,**  
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
*Biblioteca Pública “Dr. Fritz Müller”*

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de  
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -  
il.  
Mensal

ISSN 0006-5218

**FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU**

**Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”**



**Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,**  
na Área de História – edição 1998, concedido  
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

COPYRIGHT © 2000 by Fundação Cultural de Blumenau

**REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”  
ENDEREÇO**

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425

CEP.: 89015-010 - Blumenau – SC

Fone/fax: (047) 326-6990

E-Mail: [funculbl@zaz.com.br](mailto:funculbl@zaz.com.br)

**CAPA**

*Projeto Gráfico:* Silvio Roberto de Braga

Acervo: Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”

Mapa dos distritos desmembrados de Blumenau;

Rua 15 de Novembro durante o

“Movimento por Blumenau Unido” - 1934

**DIREÇÃO**

Sueli M. V. Petry

**CONSELHO EDITORIAL**

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira,

Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

**DIGITAÇÃO**

Ellen Annuseck

**DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO**

Cristina Ferreira

**PRODUÇÃO GRÁFICA**

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

**EDIÇÃO**

Editora Cultura em Movimento

Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

## SUMÁRIO

“O País” e a catequese dos índios .....	07
Realismo Fantástico <i>Aiga Barreto Mueller Hering</i> .....	22
A Visita do Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra a Blumenau .....	44
Lista de moradores da Colônia Blumenau - 1869 (Parte 4) <i>Dr. Hermann Blumenau</i> .....	47
O Andarilho do Brasil / Ninguém conhece ninguém / Variadas <i>Enéas Athanázio</i> .....	62



## Documentos Originais - Artigos

A temática que se refere ao aldeamento dos nativos da região e os conseqüentes conflitos gerados entre colonos e indígenas foi amplamente veiculada pela imprensa, a ponto dos textos emitidos pelo “Der Urwaldsbote” serem traduzidos para a língua portuguesa e transformados em livretos para socialização dos dados, a exemplo deste que reproduzimos a seguir.

Neste artigo, percebe-se claramente o uso da catequese dos índios como subterfúgio para abordagem de uma discussão em torno da querela entre descendentes de alemães e luso-brasileiros.

O autor do presente texto revela sua postura de colonizador diante daqueles que ele chama de “verdadeiros senhores do país”, no entanto, também denuncia a presença de coroados do Paraná em terras catarinenses, acusando-os de responsáveis pelo roubo de gado e indignando-se diante da ausência de atitude punitiva por parte do governo.

### “O País” e a catequese dos índios



Dr. Hugo Gensch e índia Korikrá



### Der „Paiz“ und die Indianerkatechese

Unter dem Titel „Das Eingeborenen-Problem in Santa Catharina“ hat „O Paiz“ am 14. und 21. Oktober d. J. zwei Artikel veröffentlicht, die mit der Haltung des Urwaldsboten in der Indianerfrage scharf ins Gericht gehen. Wir greifen wohl nicht fehl, wenn wir die Urheberschaft dieser nativistischen Pamphlete – etwas anderes sind sie nicht – dem ehemaligen Indianerinspektor Hauptmann Vieira da Rosa zuschreiben, der, wie bekannt, einen tief eingewurzelten Groll gegen den Urwaldsboten hegt. Die verbissene Gehässigkeit gegen das deutsch-brasilianische Element, die hartnäckige Verdrehung von Tatsachen, die schon zehnmal richtiggestellt worden sind, und nicht zuletzt die intime Kenntnis verschiedener Vorfälle, die allerdings in eine ganz falsche Beleuchtung gerückt werden, lassen den Schluß zu, daß niemand anders als dieser wunderliche Kauz die Artikel, wenn nicht geschrieben, so doch beeinflußt hat. Zur richtigen Beurteilung der Sache wäre es jedenfalls von Wichtigkeit, die Quelle zu erfahren, aus der „O Paiz“ geschöpft hat. Es ist unbedingt eine sehr trübe Quelle.

Wenn wir alle Entstellungen und Verdächtigungen, die in den beiden Artikeln enthalten sind, auf ihren wahren Wert zurückführen wollten, müßten wir eine ganze Broschüre schreiben, wozu wir weder Zeit noch Lust haben. Der Verfasser geht mit einer Skrupellosigkeit und einer Raffiniertheit zu Werke, die schwer zu übertreffen sind. Mit Vorliebe zitiert er aus dem Zusammenhang gerissene Sätze, die unvermittelt hingestellt, natürlich ganz anders wirken müssen als in ihrem logischen Zusammenhang. Es ist dies eine höchst unredliche Zitiermethode. Neues bringt er eigentlich nicht vor, nur alte, oft widerlegte Beschuldigungen in neuem Gewande. Es wird daher nicht zu vermeiden sein, daß auch wir altes, mehrfach gesagtes wiederholen. Dem „Paiz“ dürfte es jedoch neu sein.

Anstatt die Erfolglosigkeit der Katechese in Santa Catharina in den verkehrten Maßnahmen der Regierung sowie in der Unfähigkeit der angestellten Beamten zu suchen, wird die „tendenziöse und unvernünftige Opposition der fremden Kolonisten“ dafür verantwortlich gemacht. Hier merkt man schon, woher der Wind weht, nämlich aus dem nativistischen Wetterwinkel.

Ausländer, Fremde sind es zumeist,  
Die unter uns gesät den Geist  
Der Rebellion. Dergleichen Sünder,  
Gottlob, sind selten Landeskinder

Dabei sind diese „fremden“ Kolonisten, mit ganz geringen Ausnahmen, geborene oder naturalisierte Brasilianer, die von berufener Seite als ein ordnungs-

## O País e a catequese dos índios

Sob o título de “O problema indígena em Santa Catarina”, publicou o jornal “O País” nas suas edições de 14 e 21 de outubro p. p., dois artigos que, com rigorosidade, condenam a atitude do *Urwaldsbote* em frente à questão dos índios. Certamente não andamos errados, atribuindo a concepção daqueles panfletos nativistas – e não merecem outra qualificação – ao ex-inspetor dos índios capitão Vieira da Rosa que, como se sabe, consagra um ódio inveterado e sincero ao *Urwaldsbote*. O rancor agastadiço contra o elemento teuto-brasileiro, a teimosa interpretação maligna de causas já dez vezes retificadas, e sobretudo o conhecimento íntimo de alguns acontecimentos que, aliás, se apresentam a uma luz completamente falsa, levam-nos a concluir que aquele valente senhor, se não escreveu os artigos, ao menos os inspirou. No interesse da verdade seria de importância saber-se de que fonte aliás bem turva – “O País” tirou a sua água.

Se quiséssemos reduzir a seu justo valor todas as deformações e suspensões contidas nos dois artigos, teríamos de escrever um livro, para o que não temos nem tempo nem vontade. O autor procede com falta de escrúpulo e refinamento inexcedíveis, citando, de preferência, períodos tirados do contexto e que, isolados, naturalmente produzem efeitos diferentes dos que produziram no seu contexto lógico. É esse um método ilícito de citar. Na verdade, não oferece nada de novo, a não ser incriminações velhas e já retificadas, sob outra forma. Por isso também não será possível evitarmos tudo o que já ficou dito, mas que nem sempre chegou ao conhecimento de “O País”.

Em vez de se procurar na inaptidão dos funcionários, bem como nas providências inconvenientes do governo, os motivos da inutilidade de catequese leiga, atribui-se a responsabilidade à oposição tendenciosa e desvairada do colono estrangeiro. Daí já se pode ver de onde vai soprando o vento, a saber do acampamento dos nativistas.

E contudo, os referidos colonos estrangeiros, com poucas exceções, são brasileiros natos ou naturalizados, os quais são pessoas competentes e apreciam um elemento ordeiro e trabalhador, a quem o estado de Santa Catarina deve muito, não aos hóspedes, mas sim bons cidadãos que sabem o que devem a seu país. É claro que não gostam de que os apóstolos dos índios os classifiquem de intrusos, em contraste aos verdadeiros senhores do país, os bugres, nossos estimáveis patrícios. Os lavradores não rouba-

liebendes, arbeitsames Element, dem der Staat Santa Catharina viel zu verdanken hat, geschätzt werden – keine „Gäste“, sondern vollwertige Bürger, die wissen, was sie ihrem Lande schuldig sind. Daß es sie verdrießt, wenn sie von den Bugeraposteln im Gegensatz zu den „eigentlichen Herren des Landes“, den Bugern, „unseren geschätzten Landsleuten“, als „Eindringlinge“ bezeichnet werden, ist klar. Sie haben ihr Land nicht gestohlen, sondern von der Regierung gekauft, zahlen hohe Steuern, erfüllen auch gewissenhaft ihre sonstigen Pflichten, und drei oder vier Polzeisoldaten genügen, um in einem Munizip von 50000 Einwohnern die öffentliche Ordnung aufrecht zu erhalten. Dafür verlangen sie aber Schutz für Leben und Eigentum vor den herumstreifenden Rothäuten, das mindeste, was sie als Bürger eines zivilisierten Staates verlangen können. Und wenn ihnen dieser Schutz trotz aller Bitten und Vorstellungen versagt wird, wie das seit Erfindung der Katechese geschieht, so hat der Urwaldsbote, als unabhängiges Blatt, welches die Interessen der Kolonisten vertritt, das unbestreitbare Recht, gegen eine solche Behandlung seine Stimme zu erheben.

Wenn nur der gute Wille vorhanden wäre, würde es gar nicht schwer sein, die Indianerfrage für Santa Catharina, insbesondere für Blumenau, zu lösen. Die Indianer, die uns belästigen, sind keine wilden Botokuden, sondern halbzahme Coroaden aus Paraná. Das ist erwiesen für jeden, der sich überzeugen lassen will. Wilde Botokuden, die in Baumwollhemden herumlaufen und portugiesisch sprechen, giebt es nicht. In dem auf Veranlassung des Superintendenten von Blumenau am Pouso Redondo veranstalteten Polizeiverhör haben 11 Zeugen übereinstimmend ausgesagt, daß es Coroaden waren, welche die Gegend unsicher machten. Auch der Vize-governador des Staates hat sich in dem Schreiben, welches er mit einer Abschrift des Verhörs an den Ackerbauminister sandte, zu dieser Auffassung bekannt. Es ist also weiter nichts nötig, als daß die Bundesregierung die in Paraná lebenden Indianer in ihren Dörfern streng überwachen läßt, damit sie nicht unter dem Vorwand, auf die Jagd zu geben, Raubzüge nach Santa Catharina unternehmen können. Solange das nicht geschieht, sind allerdings Indianerjagden mit Martinho das einzig wirksame Abwehrmittel.

Mit der alten Fabel, daß die Blumenauer Kolonisten Indianerjagden gewissermaßen als Sport betrieben und auf diese Weise die Rache der Rothäute herausgefordert haben, muß endlich einmal aufgeräumt werden. Die Kolonisten haben hier den Indianern niemals etwas zu leide getan, sie haben sich höchstens gewehrt, wenn sie angegriffen wurden. Indianerjagden sind stets nur nach erfolgten Ueberfällen, mit Erlaubnis und auf Kosten der Staatsregierung veranstaltet worden. Es waren also Strafexpeditionen. Und sie haben meist sehr wohltätige Folgen gehabt, indem sie den Kolonisten für längere Zeit Ruhe verschafften. Das wurde anders, als man vor zwei Jahren mit der sogenannten Laienkatechese begann. Niemals sind die Ueberfälle so häufig und so dreist

ram as suas terras, compraram-nas do governo, pagam não poucos impostos, cumprem escrupulosamente com os demais deveres cívicos, e três ou quatro praças de polícia bastam para manter a ordem pública em um município de 50 000 habitantes. Em compensação exigem que lhes sejam garantidas a vida e a propriedade contra os silvícolas errantes, o que é o mínimo que podem reclamar como cidadãos de um Estado civilizado. E se, a despeito de todos os pedidos e representações, a garantia lhes é negada desde a invenção da catequese, o *Urwaldsbote*, órgão independente, patrocinando os interesses dos lavradores, tem o direito incontestável de protestar contra semelhante procedimento.

Se houvesse alguma boa vontade, não seria difícil a solução do problema dos índios em Santa Catarina, e especialmente em Blumenau. Os índios que nos molestam, não são botocudos selvagens, mas sim coroados paranaenses, semi-bárbaros, o que sabem todos quantos querem sabê-lo. Não há botocudos selvagens que falam português e andam com camisas de meia. No inquérito policial, procedido em Pouso Redondo a requerimento do superintendente de Blumenau, onze testemunhas declararam unanimemente que eram coroados os que infestavam aquelas paragens, opinião confessada também pelo vice-governador do Estado no ofício que dirigiu ao ministro da agricultura junto com uma cópia dos autos do inquérito. O que, portanto, é necessário é que o governo federal mande rigorosamente fiscalizar os índios em seus aldeamentos paranaenses, para que não possam empreender excursões depredatórias para Santa Catarina a pretexto de caçarem. Enquanto não se organizar essa fiscalização, o único remédio eficaz serão batidas com Martinho.

A velha fábula de que os lavradores de Blumenau, vendo uma espécie de esporte nas caças de índios, provocaram assim a vingança dos selvagens, deve-se finalmente pôr termo de uma vez. Os lavradores nossos nunca faziam mal algum aos índios; mas agredidos, é claro que se defenderam. Não se organizaram batidas, senão depois de assaltos feitos, com o consentimento e a expensas do governo estadual. Tratava-se por conseguinte, de expedições penais, que produziam em geral efeitos ótimos, garantindo a paz dos lavradores por algum tempo, o que mudava de figura, quando há dois anos a chamada catequese leiga entrou em exercício. Nunca se repetiram os assaltos com tanta freqüência e atrevimento, como nestes últimos anos. A culpa disso não é de ninguém senão do Serviço de Proteção aos Índios, proibindo os lavradores de se defenderem a si mesmos e entre-

gewesen wie in dieser Zeit. Schuld daran hat allein das Indianerschutzamt, das den Kolonisten den Selbstschutz verbot und sie auf Gnade und Ungnade den roten Freibeutern auslieferte. So dumm sind die halbzahmen Indianer nicht, daß sie nicht wissen, daß sie in Santa Catharina freies Spiel haben, zumal sie obendrein für ihre Schandtaten beschenkt werden. Von einem „doppelten Schutzdienst“ kann hier nicht die Rede sein, das haben die skandalösen Vorgänge am Pouso Redondo bewiesen. Die Kolonisten sind einfach die Opfer der Katechese. Was Wunder, daß sie sich unter solchen Umständen nach den Zeiten zurücksehnen, in denen, wenn es nötig war, Martinho auf die roten Räuber und Mörder losgelassen wurde!

Dieser Martinho ist nach der Darstellung des „Paiz“ der größte Massenmörder, der je das Antlitz der Erde geschändet hat. Er soll schon über 1000 Indianer in die ewigen Jagdgründe befördert haben, auf einer Expedition, die er von Blumenau aus unternahm, allein mehr als 300! Und von wem hat sich der Gewährsmann des „Paiz“ dieses Schauernmärchen aufbinden lassen? Von unserm alten Freund Dr. Hugo Gensch! Daß dieser Gentleman, der an chronischem Alkoholismus leidet und schon am hellen Tage Gespenster sieht, keine lautere Quelle ist, weiß ganz Blumenau. Zur Beleuchtung seiner Glaubwürdigkeit genügt die Tatsache, daß er in Deutschland sich einen falschen Titel zugelegt und wegen Urkundenfälschung eine sechsmonatige Gefängnisstrafe verbüßt hat. Demselbigen Gensch erzählt der „Paiz“ nach, daß der Polizeikommissar von Blumenau die von Martinho gefangenen Indianerfrauen gegen ein Eintrittsgeld von 500 Réis nackt zur Schau gestellt habe. Auf dergleichen Alkoholphantasien werden dann die schwersten Anklagen gegen die Bevölkerung Blumenaus gegründet. Auch die ganz haltlose Berechnung, daß die Indianer in Blumenau, seit dem Bestehen der Kolonie, „nur“ 48 Weiße getötet haben, wird von dem Erfinder wilder Mären auf Treu und Glauben übernommen.

Mit dieser Berechnung ist auch der Indianerinspektor Abbot krebseingegangen, der daraus den Schluß zog, daß die Roten noch einige Hundert Weiße gut hätten. Bis diese der ausgleichenden Gerechtigkeit zum Opfer gefallen sind, wird das Indianerschutzamt wohl warten, ehe es gegen den Kolonistenmord einschreitet. Wie die von Gensch erfundenen Zahlen zu bewerten sind, haben wir seinerzeit in einer Artikelreihe unter dem Titel „Korikra“ (Urwaldsbote vom 5. – 26. Juni 1909) ausführlich nachgewiesen. In seiner Schrift „Die Erziehung eines Indianerkindes“ hatte er u. a. behauptet, daß Martinho mit seinen Leuten – es waren im ganzen 18 Mann – ein Indianerlager von 400 Personen drei Tage lang vollständig umringt (!) und dann überfallen habe, wobei der ganze Stamm vernichtet wurde, sodaß dem Gemetzel nicht eine Person entrann. Wir meinen, der Schwindel ist so plump, daß er ohne weiteres einleuchtet. Der „Paiz“ aber verschmäht es nicht, seinen Lesern diese Tatarennachricht, allerdings mit

gando-os a mercê dos flibusteiros vermelhos. Os índios meio-civilizados sabem muito bem que em Santa Catarina não encontram obstáculos, pois acima de tudo ficam recompensados por seus crimes. Que aqui não se pode falar de um dupla proteção, foi provado pelos acontecimentos escandalosos de Pouso Redondo. Os lavradores são as vítimas da catequese. Não admira que, em tais circunstâncias, estão com saudades daqueles tempos em que, sendo necessário, Martinho ia ao encontro dos ladrões e homicidas vermelhos.

O Martinho, na opinião de “O País”, é o mais hediondo assassino que passou pela superfície da terra. Dizem que já mandou para o outro mundo mais de 1000 índios, mais de 300 numa expedição que empreendeu de Blumenau. E quem é que forneceu esta lenda horripilante a “O País”? O nosso velho amigo Dr. Hugo Gensch! Em Blumenau não há quem ignore que não é fidedigno o referido *gentleman*, que, subjugado pelo álcool, já viu espectros de dia. Para caracterizar o seu crédito moral basta o fato de que ele na Alemanha fez uso de um título a que não tinha direito, e foi condenado a seis meses de prisão por crime de falsificação de documento. Inspirado pelo mesmíssimo Gensch, “O País” narra que o comissário de polícia de Blumenau chegou a expor índias nuas à vista depravada dos sátiros, cobrando 500 réis por cada freguês. Na base de semelhantes fantasias alcóolicas levantam-se as mais graves incriminações do povo de Blumenau, assumindo-se também do inventor de lendas horríveis, como verdadeiro, o cálculo completamente infundado de que os índios, durante a existência da Colônia, mataram apenas 48 brancos.

Aproveitou-se do mesmo cálculo para os seus fins especiais o inspetor dos índios Abbot, concluindo que daí resultava a favor dos índios um saldo de algumas centenas de brancos. Até que estes forem sacrificados no altar da justiça equilibrante, os protetores dos índios sem dúvida nada farão para impedir a matança de lavradores.

Qual o valor que insere aos algarismos fantasiados pelo Gensch, demonstramos detalhadamente, a seu tempo, numa série de artigos (*Urwaldsbote* 5-26 de junho de 1909), sob o título de Korikrá. Em seu livrinho “A educação de uma menina índia”, o referido doutor chegara a declarar que Martinho e seus companheiros - em número total de 18 - durante três dias cercaram e depois assaltaram um acampamento de 400 índios, exterminando a tribo inteira, de modo a não escapar pessoa alguma. Julgamos ser a impostura tão palpável que não é preciso perder mais uma só palavra.

Weglassung der näheren Umstände, die sofort Verdacht erregen müßten, als gut verbürgte Tatsache vorzusetzen.

Interessant ist es, zu beobachten, wie die phantasievollen Bugerfreunde sich in ihrem eigenen Garn verwickeln. Sie fabeln immer von der Rache der Indianer. Aber wie kann der seinerzeit von Martinho bis auf den letzten Mann vernichtete Stamm jetzt seine Rache an den Bewohnern von Pouso Redondo kühlen? Sind die Toten wieder auferstanden? Von zwei Dingen eins. Entweder ist der Stamm, mit dem Martinho es zu tun hatte, vernichtet worden, dann kann er sich nicht mehr rächen, oder er rächt sich, dann kann er nicht vernichtet worden sein. Andere Stämme kommen überhaupt nicht in Betracht. Denn außer den zwei von Martinho in den Jahren 1905 und 1906 unternommenen Expeditionen, sind von hier seit 1900 nur noch drei Bugerjagden ausgegangen, die ergebnislos verliefen. Und die Streifzüge, die vorher nach erfolgten Ueberfällen stattfanden, können nicht als Bugerjagden bezeichnet werden.

FONTE: **Der Urwaldsbote** – 9/11/1912

## II

Die Art und Weise, wie der Indianerschutzdienst in Santa Catharina geübt wird, muß bei allen, die das Wohl und den Fortschritt des Staates im Auge haben, schwere Bedenken erregen, denn durch die einseitige Beschützung der Indianer wird die Kolonisation geschädigt, auf die der Staat angewiesen ist, wenn er fortschreiten will. Mit dem Bau von Bahnen allein ist es nicht getan, es muß auch eine großzügige Besiedelungspolitik eingeleitet werden. An passenden Gebieten ist kein Mangel. So liegen z. B. zwischen der Serra Geral und der Serra do Mar, grade dort, wo die Buger sich am häufigsten zeigen, noch weite Landstrecken, die der Erschließung harren und für Tausende von Einwanderern Raum bieten. Aber ohne genügende Sicherheit für Leben und Eigentum werden keine Ansiedler zu haben sein. Wie der Bugerschrecken wirkt, haben wir nach den Ereignissen am Freiheitsbach gesehen, als ganze Tiefen verlassen wurden. Kein Kolonist wird in die Wildnis vordringen, wenn er weiß, daß die „Herren des Landes“ einen Frei-brief haben, ihn zu bestehlen und zu ermorden, während er selbst von den Behörden als „Eindringling“ betrachtet und ihm sogar die Ausübung des elementarsten Menschenrechts, der Selbstverteidigung, verwehrt wird. Der wahre Sachverhalt läßt sich auf die Dauer doch nicht verheimlichen, und so ist unter diesen Umständen auf eine nennenswerte Einwanderung nicht zu rechnen.

Eine direkte Abschreckung der Einwanderung für alle Zeiten würde die Errichtung einer Indianerreservation im oberen Itajahytal sein, die man zu planen scheint. Wenn die zwei oder dreihundert Botokuden, die, nach der Meinung des

Mas “O País” não recua diante de apresentar a seus leitores essa notícia alarmante como fato afiançado, suprimindo, aliás, todos aqueles pormenores, que logo despertariam a desconfiança.

É interessante observar-se como os fantásticos filobugres se apanham a si mesmos na cilada que armaram. Sempre estão falando na vingança dos índios. Mas como é possível que a tribo exterminada por Martinho até o último guerreiro, agora possa tomar vingança dos moradores de Pouso Redondo? Ressuscitaram os mortos? De duas coisas uma: ou a tribo atacada por Martinho, foi totalmente extinta, e neste caso não pode vingar-se ou toma vingança e então não é possível que fosse totalmente extinta. Não há outra tribo a tomar-se em consideração. Pois, fora das duas expedições realizadas por Martinho em 1905 e 1906, foram aqui, de 1900 para diante, organizadas apenas três caças de bugres que não deram resultado e as correrias que foram feitas após os assaltos, não se podem classificar de caças de bugres.

## II

O modo de se pôr em obra o Serviço de Proteção aos Índios em Santa Catarina não pode deixar de estranhar todos quantos tenham em vista a prosperidade e o progresso do Estado, pois a parcial proteção dos índios prejudica a colonização, a que o Estado, querendo progredir, não pode renunciar. A construção de estradas de ferro só não basta; é preciso iniciar-se o povoamento de solo em grande escala, pois não há falta de territórios próprios, existindo por exemplo a Serra Geral e a do Mar, zonas largas ainda não exploradas e infestadas pelos indígenas, onde se poderão localizar milhares de lavradores. Mas não chegarão imigrantes sem garantia de vida e propriedade. Os efeitos do terror dos bugres observamo-lo no distrito do Ribeirão Liberdade, cujos fundos ficaram despovoados. Não há lavrador que entre nos sertões, sabendo que “os verdadeiros senhores do país” têm o privilégio de roubá-lo, de assassiná-lo, enquanto ele mesmo, considerado intruso pelas autoridades, é proibido de exercer o mais elementar direito humano, o de sua própria defesa. Não se pode, aliás, para sempre, sonegar o verdadeiro estado das coisas, de modo a, nestas condições, não ser possível contar-se com uma imigração notável.

Seria, para todo o sempre, diretamente contrária à imigração a fundação projetada de uma reserva de índios no vale do alto Itajaí. Nin-



verstorbenen Ingenieurs Odebrecht, noch in den Wäldern Santa Catharinas, in kleine Gruppen verteilt, herumstreifen, vor dem Untergang gerettet und selbsthaft gemacht werden sollen, so ist dagegen nichts einzuwenden; es würde sich dafür wohl auch ein passender Ort in einer abgelegenen Gegend finden. Ob das Experiment gelingen wird, ist freilich eine andere Frage. Wir geben sogar zu, daß man gegen diese Botokuden, selbst wenn sie lästig werden, eine gewisse Nachsicht üben kann. Wogegen wir uns jedoch mit aller Entschiedenheit wenden müssen, und zwar mit dem Recht der freien Meinungsäußerung, das uns als brasilianischen Bürgern zusteht, das ist der Plan, uns das halb zahme und ganz verdorbene Indianergesindel von Paraná auf den Hals zu laden.

Ein Versuch in dieser Richtung, der vor zwei Jahren unternommen wurde, ist glücklicherweise gescheitert. Wie meinen die Indianerkomödie am Freiheitsbach. Hier war im November 1910 ein Trupp Guaranis, die sich als Botokuden maskiert hatten, herausgetreten in der Absicht, sich in Blumenau ein warmes Nest zu bereiten. Darüber großer Jubel bei allen Bugerfreunden. Der Veranstalter der Komödie, ein ehemaliger Bugerjäger namens José Rodrigues, war der Held des Tages, und gegen den Urwaldsboten, der den Schwindel am ersten durchschaute und vor der Ansiedlung dieser Pseudo-Botokuden warnte, erhob sich ein Sturm der Entrüstung, als wenn er Hoch und Landesverrat begangen hätte. Und was war das Ende vom Liede? Die Bundesregierung selbst kam zu der Einsicht, daß es das richtigste sei, die roten Komödianten dahin zurückzubefördern, woher sie gekommen waren, nämlich nach Paraná. Aber noch heute tönt ein starkes Echo der Entrüstung über die Haltung, die der Urwaldsbote damals beobachtete, in den Artikeln des „Paiz“ wieder.

Am Pouso Redondo ist es dieselbe Geschichte. Hier soll ein „posto de atração“ (ein Anziehungsposten) für die Viehräuber geschaffen werden, die nachweislich Coroaden und keine Botokuden sind. Fünf volle Monate, von Mai bis Oktober d. J. hat man den roten Banditen Zeit gegeben, fast den ganzen Viehstand der Bewohner zu vernichten, die überdies sämtliche Arbeit ruhen lassen mußten, da sie sich nicht aus den Häusern hinaustrauen durften. Um Schutz haben sie vergebens gebeten, und für ihre Verluste sind sie bis heute nicht entschädigt worden. Den Indianern aber wurden obendrein Geschenke in die Pikaden gelegt, damit sie nur ja von dem "posto de atração" nicht wegliefen. Ist es zuviel gesagt, wenn wir behaupten, daß sie auf diese Weise direkt zum Raube ermuntert wurden? Man braucht nicht einmal zu glauben, was allen Ernstes behauptet wird, daß der Staat Paraná, der unsere Waren boykottiert, auch seine Indianer auf aus hetzt – aber warum sollen wir dies Gesindel mit aller Macht anlocken!?

In der Nähe eines solchen „anziehenden Postens“ könnte sich jedenfalls kein Weißer niederlassen, denn 50 Kilometer im Umkreis würden die Kolonisten keinen Maiskolben in der Pflanzung, keine Kuh auf der Weide, kein Huhn und

guém se opõe ao plano de serem salvos da ruína total e localizados os botocudos, que em número de 200 ou 300, ainda estão vagueando pelas florestas de Santa Catarina, divididos em pequenos grupos, segundo a opinião do falecido engenheiro Odebrecht, plano este para cuja realização sem dúvida se encontraria uma localidade idônea em qualquer região remota. O bom êxito do projeto, porém é por enquanto mais que duvidoso. Até julgamos que estes botocudos, mesmo incomodando a população, não deixam de merecer certa indulgência. Mas o que relutamos energicamente, baseando-nos no direito de proferirmos a nossa opinião livre e desimpedida, direito que assiste a todo e qualquer cidadão brasileiro, é o projeto de nos sobrecarregar com a canalha vermelha, meio-civilizada e toda corrupta do Paraná.

Felizmente malogrou semelhante experiência feita há dois anos. Referimo-nos a comédia índia encenada no Ribeirão Liberdade, onde apareceu, em Novembro de 1910, um grupo de guaranis, disfarçados de botocudos, no intuito de se domiciliarem em Blumenau, e freneticamente aplaudidos por todos os filobugres. O empresário da farsa, um ex-bugreiro de nome José Rodrigues, era o herói do dia, e contra o Urwaldsbote, que primeiro descobrira o embuste exigindo que esses pseudo-botocudos não obtivessem licença para se estabelecerem aqui, houve a indignação geral, como se tivesse perpetrado o crime de alta traição. E o remate da comédia? O próprio governo federal chegou a haver por bem que os comediantes vermelhos fossem retransportados para o Paraná, de onde vieram. Mas ainda hoje repercute nos artigos de “O País”, um forte eco de indignação sobre a atitude que o Urwaldsbote tomou naquela ocasião.

Passa-se a mesma coisa em Pouso Redondo, onde se pretende criar um “posto de atração” para os ladrões de gado, os quais, como é notório, não são botocudos, mas coroados. Durante cinco meses, de maio a outubro do corrente ano, os bandidos tinham carta branca para matar quase toda a criação dos moradores, que além disso não podiam trabalhar na roça, como não lhes era possível saírem de suas casas. Em vão requereram defesa, e até hoje não receberam indenização de suas perdas, ao passo que para os índios foram postos presentes nas picadas, para que não se retirassem do “posto de atração”. E não temos o direito de dizer que assim são diretamente levados a roubar? Nem sequer é necessário acreditarmos – o que se afirma seriamente – que o Estado do Paraná além de impor boicotagem a nossos produtos, também nos açule os seus índios – mas por que somos obrigados a atrair essa canalha com toda força?

kein Schwein im Stall behalten, abgesehen von der Lebensgefahr, der sie beständig ausgesetzt wären. Ein alter Kolonist, der die Indianerdörfer in Paraná kennt, sagte uns einmal: „Erhalten die Indianer pünktlich ihre Unterstützung, so stehlen sie aus Langerweile, bleibt die Unterstützung aus, so stehlen sie aus Not.“ Daß je ein Indianer, der sich an fremdem Eigentum vergriffe, bestraft würde, ist ausgeschlossen. Um die roten Mustermenschen zu entlasten, würden die Indianerschützer dreist behaupten, die Kolonisten hätten sich gegenseitig bestohlen. So hat es der Inspektor Abbot am Pouso Redondo gemacht. Und Hauptmann Rosa hat sich ein noch stärkeres Stück geleistet. Er hat bestritten, daß der Kolonist Pletz in der Hansa (Dezember 1910) von den Indianern getötet worden ist, woraus sich dann von selbst ergibt, daß seine Nachbarn ihn getötet haben müssen. Mit solchen Mitteln arbeiten die Indianerschützer! Die Indianer mögen tun, was sie wollen. Sie bleiben nicht nur straflos, es wird ihnen obendrein auch ihre Unschuld amtlich bescheinigt.

Wir haben die Indianerkatechese eine „Krankheit“ genannt, und der „Paiz“ hat sich darüber entrüstet. Trotzdem ist der Ausdruck zutreffend. Jedenfalls offenbart der Verfasser der beiden Artikel, die sich mit dem Urwaldsboten und seiner Stellung zur Indianerfrage beschäftigen, einen anormalen Geisteszustand. Es ist dieselbe Unvernunft, dieselbe falsche Sentimentalität, die unsere Schwurgerichte veranlaßt, notorische Diebe und Mörder freizusprechen zum Hohne auf die Gerechtigkeit und zum Schaden für die öffentliche Ordnung und das Ansehen unseres Landes.

Daß dieser Unfug nicht so weiter gehen kann, ist einleuchtend. Entweder muß die Katechese in andere Bahnen gelenkt werden, oder die Kolonisation wird aufhören. Etwas ähnliches hat seinerzeit auch „O Dia“, das Organ unserer Staatsregierung, gesagt, indem er kurz nach den Ueberfällen auf Pletz und Panoch schrieb:

„Damit dieser patriotische Dienst (nämlich die Katechese) nicht das Land schädige, anstatt ihm zu nützen, müssen neben den bisherigen noch andere Maßregeln getroffen werden, damit wir nicht die Torheit begehen, diejenigen, die wir der Zivilisation zuführen wollen, zum Schaden derjenigen zu schützen, die uns schon wertvolle Dienste leisten, denn dadurch würden wir unser Vaterland zweifellos in einen schlechten Ruf bringen. Neben dem Schutz der Indianer, muß die Bundesregierung auch für den unerläßlichen Schutz der Kolonisten sorgen und diese gegen die Angriffe jener sicherstellen, und das muß geschehen, nicht nur damit die Kolonisten in den Sertões, die sie urbar machen, ausharren, sondern auch damit die Nachricht von der Unsicherheit, unter der sie leben, nicht andere abschrecke, die sich hier niederlassen wollen; denn auf diese Weise würden ja die Anstrengungen, welche dieselbe Regierung macht, um Einwanderer heranzuziehen, vereitelt werden.“ (Zitiert im Urwaldsboten vom 11. März 1911).

Nas imediações de tal “posto de atração” nenhum branco se poderia estabelecer, pois, a 50 km em redor os lavradores não ficariam com maçaroca na roça, com vaca no pasto, com a galinha ou porco no terreiro, para não falarmos no perigo de vida a que se veriam constantemente expostos. Disse-nos uma vez um velho lavrador que conhece os aldeamentos dos índios paranaenses: “Os índios, recebendo pontualmente os seus subsídios, roubam por enfado, e não os recebendo, por miséria”. Fica excluído que um índio jamais seja punido por crime contra a propriedade alheia. A favor dos bons irmãos vermelhos os protetores dos índios diriam sem cerimonia que os lavradores roubariam um ao outro, o que já declarou o inspetor Abbot no Pouso Redondo. E o capitão Rosa ainda passou muito além, negando que o lavrador Plezt, Hansa, (Dezembro de 1910), fosse assassinado pelos índios, do que espontaneamente decorre que quem o matou, era um do seus vizinhos. São estes os artifícios aplicados pelos filobugres. Façam os índios o que quiserem. A eles que ficam impunes, atesta-se oficialmente, acima de tudo, a inocência.

“O País” indignou-se de que classificamos a catequese dos índios de doença, porém a classificação é justa. Seja como for, o autor dos dois artigos que se ocupam da atitude do *Urwaldsbote* em frente a questão dos índios, manifesta certa anormalidade do espírito. E a mesma perversidade, a mesma falsa sentimentalidade, que leva os nossos júris a absolver ladrões e homicidas, em despeito da justiça e em prejuízo da ordem publica e do prestígio do nosso país.

É claro que se deve pôr termo a esses excessos. Ou a catequese tomará outro rumo, ou cessará a colonização. É coisa semelhante que escreveu a seu tempo “O Dia”, órgão oficial do governo do nosso Estado, logo depois dos assaltos a Plezt e Panoch:

“Todavia, para que aquele patriótico serviço não prejudique o país, ao invés de o favorecer, é mister que, a par das providências já adaptadas, outras sejam imediatamente postas em prática, a fim de não chegarmos ao absurdo de proteger os que pretendemos chamar à civilização em detrimento dos que já nós estão emprestando as suas profícuas atividades, o que redundaria, é indubitável, em descrédito para a nossa pátria. A par da proteção aos índios deve o governo federal estabelecer a indispensável proteção aos colonos, garantido-os dos ataque daqueles, não só para que não abandonem os sertões que intrepidamente vão desbravando, como também para que a notícia da insegurança dos que já aqui estão não afugente os que pre-

Seitdem dies geschrieben wurde, ist in keiner Weise eine Besserung zu Gunsten der Kolonisten eingetreten, wie das am Pouso Redondo aufgenommene Polizeiverhör aktenmäßig beweist.

Als erste und dringendste Maßregel zum Schutze der Ansiedler verlangte „O Dia“ damals eine strenge Ueberwachung der Indianerdörfer in Paraná aus den von uns schon angeführten Gründen. Auch in dieser Hinsicht ist nichts geschehen. Die großen Summen, welche die Katechese verschlingt, werden umsonst ausgegeben. Man zähmt weder die Indianer, noch schützt man die Weißen. Wozu also der ganze Apparat? Vielleicht um ein Heer von Stellenjägern zu versorgen?

Auch mit anderen Organen der lusobrasilianischen Presse befindet sich der Urwaldsbote in schönster Uebereinstimmung, wenn er dem unhaltbaren Stand der Bugerapostel, daß die Indianer selbst auf Kosten der Zivilisierten geschützt werden müssen, mit aller Entschiedenheit entgegentritt. So schreibt z. B. der „Correio Paulistano“ in einem vom Urwaldsboten am 18. März 1911 wiedergegebenen Artikel:

„Jedem, der ruhig über den Fall nachdenkt, muß klar werden, daß die Zivilisation siegreich über solche Meinung (daß das Land von rechts wegen den Indianern gehört) hinwegschreiten muß. Es ist nicht möglich, zuzugeben, daß ein im Schutz des Gesetzes, des Rechts und der Gesittung gebildetes Staatswesen in seinen natürlichen Fortschritten gehemmt wird. Und zu welchem Zweck? Um Menschen, die in der größten Barbarei dahinleben, im Besitze der Urwälder zu lassen... Die Wilden der Zivilisation entgegenstellen, hieße einen gesellschaftsfeindlichen Zustand schaffen, der der Entwicklung Brasiliens hindernd im Wege stehen und es zu einem Lande eigener Art (*sui generis*) machen würde, über das die Kulturvölker der Gegenwart sich lustig zu machen ein Recht hätten.“

Warum richten die Bugerapostel ihre Pfeile allein und ausschließlich gegen den Urwaldsboten? Warum lassen sie die lusobrasilianischen Blätter ungehelligt, welche die Verirrungen und Auswüchse der Katechese in ebenso scharfer Weise bekämpft haben? Der Grund ist einleuchtend. Weil sie gegen diese Blätter nicht die nativistischen Register aufziehen können, das einzige Mittel, das ihnen bleibt, eine verlorene Sache zu verteidigen.

FONTE: **Der Urwaldsbote** – 13/11/1912

tendem vir, nulificando assim os esforços que aquele mesmo governo faz para atrair a imigração de que não nos é dado prescindir.

Desde que estas linhas foram escritas, absolutamente não melhorou a situação dos lavradores, como é incontestavelmente provado pelo inquérito policial procedido em Pouso Redondo.

A primeira medida de proteção ao colono, e a mais urgente das exigidas por “O Dia”, é a fiscalização dos aldeamentos dos bugres mansos do Paraná que de vez em quando os abandonam por longos meses, entregando-se à vida nômade e praticando atos de vandalismo, que são levados á conta dos míseros botocudos e de outras pequenas tribos existentes em nossas florestas.

Nem sequer a este respeito nada se fez. Gastam-se inutilmente as enormes quantidades devoradas pela catequese. Não são domesticados os índios nem protegidos os brancos. Qual o fim, portanto, de todo o aparelho? Talvez serve para satisfazer as cobiças de uma legião de pretendentes a bons empregos?

Também com outros órgãos da imprensa luso-brasileira o *Urwaldsbote* está de harmonioso acordo, apondo enérgica resistência à divisa dos apóstolos dos bugres de que os índios têm de ser protegidos mesmo em prejuízo dos civilizados. Escreve por exemplo o “Correio Paulistano”, num artigo reproduzido pelo “*Urwaldsbote*” de 18 de março de 1911:

“Quem criteriosamente analisar o caso, entenderá que a civilização, vitoriosa, tem de pôr termo à semelhante opinião (de serem os índios os legítimos senhores e possuidores do país). Não é possível consentir que um Estado constituído de conformidade com a lei, o direito e a moral seja impedido em seu adiantamento natural. E para que fim? Para que fiquem senhores das florestas os homens que vegetam na maior barbaridade. Opor os selvagens à civilização seria criar em Estado anti-social, impedindo o desenvolvimento do Brasil e transformando-o num país *sui generis*, de que os demais povos civilizados teriam o direito de zombar. (Retraduzido da versão alemã.)”

Por que é que os apóstolos dos bugres agridem exclusivamente o “*Urwaldsbote*”? Por que é que eles não molestam os jornais luso-brasileiro, que não menos severamente combatem os erros e excessos de catequeses? O motivo fica sendo palpável. Porque a esses jornais não podem aplicar o seu vocabulário nativista, único meio à sua disposição para patrocinar uma causa perdida.

## Artigos

---

### Realismo Fantástico

TEXTO:

AIGA BARRETO  
MUELLER  
HERING\*



## Esclarecimentos iniciais

Em 1969, o autor norte-americano Raymond Bernard publicou obra intitulada “The Hollow Earth” (traduzida para o português no decurso dos anos setenta como “Terra Oca”), na qual recolocava a velha tese de que existe vida humana no interior do nosso planeta.

A teoria, recordava Bernard, fora lançada pelo também norte-americano William Reed, em 1906; complementada por Marshall B. Gardner, em 1920; testemunhada pelo explorador polar, contra-almirante Richard E. Byrd, em 1947 e 1956; posteriormente discutida em livro de Amadeo Giannini (publicado em 1959 sob o título “Worlds Beyond the Poles”: “Mundos Além dos Pólos”) e, afinal, recolocada por Ray Palmer, editor da revista “Flying Saucers” (“Objetos Voadores”), o qual procurava uma explicação lógica para a origem dos discos voadores.

O que, porém, diferenciava as dissertações de Bernard de todas as anteriores, era o fato de declarar que, antes dos autores acima citados, já um “primitivo colono alemão de Santa Catarina” escrevera e publicara livro em alemão antigo (“Altdeutsch”), tratando do mundo subterrâneo e baseando-se, para isso, em “informações dos índios”, e dizendo mais:

1º - que tal colono, nesta obra, teria retratado o nosso planeta como provido de um sol central e povoado por uma raça de frugívoros (livres de doenças e vida muito longa), os quais se comunicavam com a superfície através de túneis encontráveis principalmente em Santa Catarina e regiões limítrofes no sul do Brasil;

---

\* Considerações de Christiana Elisa Deeke Barreto sobre “Terra Oca?”, artigo de Elly Herkenhoff, publicado na revista “Blumenau em Cadernos”, Tomo XXIV, Nrs. 1 e 2, de 1983. (Dos arquivos de sua filha Aiga, com complementações)

2º - que o mesmo acrescentava ter, ele próprio, dedicado quase seis anos de pesquisas, ainda incompletas, ao estudo destes túneis construídos por uma raça muito antiga (e obviamente empenhada em alcançar as cidades subterrâneas), verificando, então, que existe, perto de Joinville, uma montanha onde o “canto coral” de homens e mulheres atlantes tem sido ouvido repetidamente e onde também um proverbial “canto do galo” é indicativo de túnel de acesso a cidades intra-terricolares.

\*

A tudo isto Elly Herkenhoff comentava, ponderando que o conteúdo da obra – apesar de pôr em xeque-mate afirmações de todos os cientistas modernos – era fascinante, uma vez que referências a uma suposta rede de túneis sob Santa Catarina tendiam a reativar o interesse por duas montanhas mágicas nas cercanias de Joinville, a saber: os montes Crista e Castelo dos Bugres (este último, aliás, já decantado, sob a denominação “*Bugerschloss*”, em versos publicados no jornal “*Kolonie Zeitung*” de 1896, mas hoje, infelizmente, pouco lembrados), e que se, por acaso, o primitivo colono alemão tivesse, de fato, tido o hábito de redigir apontamentos nesta versão de seu idioma, só o poderia ter feito com um “propósito muito especial” – e evidenciando nisto “grande erudição e cultura” – ou então tratar-se de alguém que tivesse vindo em alguma expedição “muito, muito antes da independência e da colonização alemã no Brasil”, pois nem no tempo da fundação de Joinville, em 1851, nem tampouco em 1829 (quando surgiu a primeira colônia alemã em território catarinense), se usava “alemão antigo” por estas paragens – o qual também não deveria ser confundido com “escrita alemã”, ou gótica, de uso generalizado em décadas anteriores.

\*

Em síntese, era isto. E, apesar de que minha mãe (filha do historiador José Deeke e arquivista municipal por quase 20 anos), tivesse me falado sobre o caso, eu pouco me interessava por ele. Quando, porém (após sua morte em 2 de junho de 1985), encontrei cinco longos ensaios de resposta em fundos de gaveta, resolvi anexá-los aos nossos arquivos de família. Havia, no entanto, tamanha soma de pormenores – ora inseridos, ora suprimidos em sucessivos rascunhos – que se tornava impossível alinhá-los seqüencialmente sem reescrevê-los e encaixar-lhes os dados dispersos em um mesmo trabalho.



E foi o que fiz, ocasião em que acabei por verificar que a enorme soma de reflexões sobre personagens, hábitos, linguagem, credices e posicionamentos insólitos – não apenas no período colonial, mas ainda no século atual – neles inserida, poderia vir a interessar estudiosos de nossa história em vésperas do sesquicentenário da cidade, por isso resolvi dá-los a publicar.

O estilo de minha mãe, infelizmente, só pôde ser mantido em partes, mas guardo originais para eventual confronto. E se, ainda agora, certos pormenores parecerem excessivos (ou até mesmo dispensáveis) ver-se-á, mais tarde, que se tratava de seu jeito pessoal de avaliar e subsidiar história.

### *As considerações de minha mãe – Christiana Elisa Deeke Barreto*

Lendo “Terra Oca?”, de Elly Herkenhoff, em Blumenau em Cadernos, vieram-me à memória referências ao mesmo assunto com os quais me deparei no longo percurso de minha vida. Assim recordei que, mais ou menos em fins da década de vinte ou já no início da seguinte, um cientista alemão apareceu em Blumenau para fazer uma palestra sobre tema semelhante. Aliás, segundo versão deste, não nos cabia fazer pesquisas sobre o interior da terra, uma vez que o que nós julgávamos ser a superfície, já era exatamente o centro da grande cápsula Terra: um centro dotado de sol, estrelas, mar, sistema de meridianos, etc, etc, apenas por nós concebidos como sendo exteriores.

O alemão, no entanto, foi impedido de levar a cabo sua palestra por G.A. Koehler, editor do jornal “*Der Urwaldsbote*” (também alemão e muito considerado no mundo cultural blumenauense), o qual se levantou escandalizado, bradando ao palestrante que parasse de propalar absurdos, historinhas dignas, apenas, de figurarem no fabulário das amas-secas, uma vez que não se encontrava em auditório de ignorantes, como decerto supunha. Discussão vai e vem, sob aplausos do público à reação de Koehler, o palestrante, afinal, acabou abandonando o palco.

Pessoalmente, não presenciei a ocorrência, mas familiares me transmitiram a cena em pormenores e também ouvi de conhecidos, comentários a respeito. A maioria aprovava a intervenção de Koehler, se bem que uns poucos deplorassem terem sido privados do espetáculo hilário que o subsequente desenvolvimento do tema decerto lhes teria proporcionado, e apenas uma única senhora culta – a já falecida Gertrud Gross Hering – declarou que não refutaria categoricamente a hipótese apresentada, lamentando ter sido o conferencista impedido de revelar os argumentos em que baseava sua teoria. Acrescentava, no entanto, reconhecer que, ela própria, não teria também competência para

opinar sobre tão complexo assunto, de modo que passando o tempo, o tema, aparentemente foi relegado ao esquecimento.

Penso ter sido, então, em meados da década de 50, que assunto semelhante apareceu em reportagem publicada na extinta revista semanal “O Cruzeiro”. Tratava-se, ali, de entrevista com um espiritualista brasileiro (integrante, se não me engano, de um grupo de cultores da Teologia), o qual se chamava comandante Strauss; constava como membro de nossa Aeronáutica (não recordo se militar ou comercial) e que fazia declarações sobre conhecimentos similares aos do conferencista alemão de décadas atrás, só que dessa vez relativos a habitantes do subsolo brasileiro.

Dizia ele que, durante catástrofe ecológica em tempos remotos, grupos de pessoas se teriam refugiado em cavernas na região do Rio de Janeiro, descendo por túneis existentes “em algum lugar ao pé da Pedra da Gávea”. Que tais seres, nos primórdios de nossa história, ainda se teriam apresentado esporadicamente, mas com toda naturalidade, na superfície terrestre, e ali mantido relações de amizade com Heliodoro Hesse: o primeiro alemão de que se tem notícia oficial no Brasil, e já dono de fundição de metais na Praia Vermelha (vizinhanças do Pão de Açúcar), quando Hans Staden marcou seu aparecimento entre nós. Acrescentava, no entanto, que atualmente estes habitantes intra-terrestres já se apresentavam bastante diferenciados dos habitantes da superfície (principalmente muito mais espiritualizados) e concluía dizendo que ele próprio, por diversas vezes, tinha recebido a visita de membros do grupo.

Strauss, pelo que recordo, morava em Minas Gerais e mais tarde reencontrei seu nome na lista de participantes de uma concentração esotérica em Florianópolis. Mas, antes que o esqueça, devo acrescentar ainda que, ao pé do artigo publicado em “O Cruzeiro” (e acompanhado de ilustrações pouco nítidas de pessoas vestindo trajes soltos e como que envoltas em véus de neblina), a redação declarava não se responsabilizar pelas afirmações veiculadas.

Esperei por réplicas ao artigo em números posteriores da revista, supondo que pelo menos escaladores da Pedra da Gávea se manifestassem e que alguém acabasse por perguntar se tais seres ainda se alimentavam e se reproduziam biologicamente ou se suas condições de vida se tinham tornado meramente transcendentais... Mas, de novo, nada! Tanto é que até mesmo amigos e conhecidos (por mim abordados para saber se tinham lido o artigo e formado opinião sobre o assunto), só davam de ombros, como a significar que o tema não merecia nem considerações, nem julgamento.

Hoje, porém, com a publicação de “Terra Oca?” em Blumenau em Cadernos, o assunto retorna, desta vez passando a interessar mais de perto a nós, catarinenses. E mesmo que não transmita, outra vez, descoberta ou dado

histórico mais consistente, pelo menos em função de referências topográficas à região montanhosa nos arredores de Joinville (especialmente referências aos montes “Crista” e “Castelo dos Bugres”: cercados de lendas e, um deles, já celebrado em poema), o assunto se torna interessante. Acrescente-se, ainda, que as reiteradas alusões, por parte de moradores daquelas vizinhanças, a vozes vindas do fundo de cavernas, bem como menções de um estranho Canto do Galo (descrito como indicativo de túnel condutor a cidades subterrâneas), tudo isto, enfim – e ainda que tais vozes e tal canto não passassem, afinal, de eco do manuseio de ferramenta em local distante – são dados que não deixam de enriquecer o folclore catarinense.

\*

Pessoalmente, tomei conhecimento de um fenômeno diferenciado na região de Joinville ao tempo em que, de 1949 a 1966, fui responsável pela organização e depois pela manutenção do Arquivo da Prefeitura Municipal de Blumenau. Era, esta, dona de vastíssimo acervo político-administrativo desordenado por mudanças sucessivas, que me coube, às vésperas de nosso centenário, revisar e ordenar. Pus mãos à obra e, no decurso de prolongada seleção e reagrupamento de dados dispersos, deparei com documento que não recordo, agora, se fornecido pelo engenheiro Heeren ou Wunderwald (ambos muito considerados na região de Joinville), referente a uma expedição de reconhecimento naquelas cercanias. O relatório abordava escalada ao “Morro do Boi”, em cujo topo fora encontrada uma cratera. O autor, todavia, acrescentava que, não lhe tendo sido possível empreender exame mais minucioso daquela formação geográfica, não lhe competia afirmar se tratava-se de acidente superficial ou cratera de um vulcão extinto. Por outro lado, como a Prefeitura de Blumenau – conforme todos sabem – na segunda metade do ano de 1958 foi vitimada por um incêndio em que nosso Arquivo Municipal foi inteiramente destruído pelas chamas (sendo que dentre os seus saldos materiais, emergencialmente transferidos à Casa Dr. Blumenau e depois a ela doados em definitivo, nada restava dos escritos antigos), já não é possível revisar os tais documentos.

Heeren ou Wunderwald, em todo caso, no século passado se haviam referido a um “Morro do Boi”, o qual me pergunto, agora, se não poderia ser o mesmo que, no artigo em questão, é citado como “Monte Crista”. Como dona Elly, porém, fala em duas montanhas mágicas – e não apenas uma –, gostaria de saber se existirão, por acaso, duas montanhas providas de topografia incomum naquelas paragens (e insuficientemente divulgadas, já que a comunidade

estadual não tomou conhecimento oficial delas), ou se a crença em uma montanha inspiradora do poema supracitado é mera decorrência de fabulário local.

Eu, em todo caso, suponho conhecer documento que, lido e desvirtuado por leitores sucessivos, bem poderia ter induzido poeta itinerante a conceber poema como o supra citado trabalho alusivo ao Castelo dos Bugres (dotado de “telhados reluzentes”, salas “enegrecidas” pelo tempo e guardado por um fiel “cavalo branco”), além de poder, eventualmente, ter chegado aos ouvidos de Raymond Bernard descrito como obra formulada por um “primitivo colono alemão de Santa Catarina”, que se expressava em “alemão antigo”... E o documento a que me refiro é um relatório pertinente à questão dos índios: relatório que mais parece diário ou carta, datado de 1876, e lavrado a próprio punho pelo comandante dos Batedores de Mato da Colônia de Blumenau, sr. Frederico Deeke, meu avô.

\*

Esta instituição – a dos Batedores de Mato – era subvencionada pelo Serviço de Proteção Contra os Índios, posteriormente transformado em Serviço de Proteção aos Índios, e presidida por Frederico Deeke de 1872 a 1877, quando foi extinta por falta de recursos.

Integrada por elementos locais, sob ordens de um comandante, sempre que alguma fumaça peculiar acusava presença de índios em floresta próxima, seus componentes se reuniam e seguiam em direção a esses fogos. O caminho era percorrido à base de gritos, tiros ao ar e corridas (mas, especialmente, “bater de panelas”), porque o grupo era pequeno, mas devia aparentar ser maior e assim capaz de realmente assustar e dispersar os nativos.

Nestes domínios, porém, as aspirações do fundador não se restringiam à mera organização de pelotões de defesa, pois o que lhe interessava, de fato, era – através da observação paciente do comportamento de nossos agressores – acabar por entendê-los e, conseqüentemente, viabilizar um relacionamento pacífico com os mesmos.

Em vão! A elementaridade da psiquê botocuda (a despeito de sua sagacidade em termos de assalto e de saque) era impermeável às premissas de avaliação européia e assim não é de se estranhar que seus assédios sempre mais se intensificassem e que eles conseguissem até mesmo modificar seu sistema inicial de investida contra os colonos. Ou seja: a nova técnica consistia em continuar montando acampamento depois de simular debandada e assim reforçar arremetidas de assalto à propriedade dos brancos. Técnica, aliás, também usada pelos índios contra colonos italianos recém-instalados em Rodeio (área

então pertencente à colônia de Blumenau); laboriosamente descrita pelo historiador José Finardi em recentes registros de vicissitudes enfrentadas pelos colonizadores italianos naquelas paragens; e empregadas justamente ainda quando nosso fundador já acreditava estar viabilizando técnica capaz de promover breve entendimento com eles.

\*

O Dr. Blumenau era, como bem sabemos, filósofo e idealista. Assim – imaginando que, caso efetuasse a contratação de um intérprete familiarizado com o idioma dos bugres, com isto logo um bom entendimento entre as partes se iniciaria e para tanto formulara petição ao governo provincial (em caráter de emergência) pedindo licença a fim de proceder à busca de tal elemento, sendo que – deferida esta licença – seu escolhido viera a ser, de novo, Frederico Deeke.

A referida Carta de Recomendação – formulada em português e escrita a próprio punho pelo fundador – encontrava-se no Arquivo Municipal de Blumenau, onde foi também destruída pelo incêndio. Eu não havia tirado cópia do documento, mas – a contar com a minha memória – versava mais ou menos assim:

*Colônia de Blumenau, ... de 1876.*

*“Serve esta carta como apresentação do comandante das Guardas de Batedores de Mato da Colônia de Blumenau que, por ordem da direção da mesma, dirige-se à região Norte da Província de Santa Catarina, e regiões limítrofes do Paraná, com o objetivo de procurar e contratar uma pessoa que fale o idioma dos botocudos e tenha aptidões para servir como intérprete nas atividades que a administração da Colônia pretende empreender para estabelecer relações pacíficas com os indígenas.*

*Solicito às dignas autoridades e outras pessoas capazes de poderem dar informações e/ou prestarem auxílio neste sentido, a gentileza de receberem bem o portador desta missiva: senhor Frederico Deeke, pessoa de pele clara, olhos azuis, cabelos e barba de cor castanho-clara, compleição robusta e estatura média.*

*De antemão manifesto a minha gratidão por atos de utilidade à missão projetada, oferecendo meus préstimos.*

*Assinado:                   Diretor da Colônia de Blumenau  
Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau*

E, resumindo, foi com tal recomendação e propósito que o emissário partiu e percorreu caminhos distantes.

\*

Andou, andou. Cruzou serras e planaltos. E, afinal, só depois de entendimentos e procuras vãs em Rio Negro e adjacências, acabou contratando um certo Jeremia (ou Jeremias) André Gonçalves lá pelos lados de Palmas – região do Contestado, hoje pertencente ao Paraná – o qual dizia ter sido seqüestrado pelos índios quando menino; ter vivido quatro anos em sua tribo; falar bem o seu idioma, mas ter aprendido também a linguagem dos botocudos de mulheres e crianças prisioneiras como ele, apesar de não a dominar com a mesma desenvoltura.

Tal afirmação – soube-se depois – era pura malandragem cabocla, no entanto fantasia capaz de impressionar os empenhos (um tanto ingênuos) de europeu ainda em fase de adaptação na nova terra. Além do mais, é do conhecimento geral que a pacificação final dos botocudos só se efetuará 38 anos depois (sob empenhos de Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, bisneto do Duque de Caxias) e curiosamente locada em área de terras desmembrada de concessão à Companhia Colonizadora Hanseática, da qual José Deeke, filho mais novo de Frederico Deeke, era diretor.

Das gestões deste primeiro intento, todavia – além de descritivos de viagem e justificativas pela contratação de Jeremias – ficaram levantamentos ambientais e informes sobre o comportamento geral de nossos índios, que posteriormente interessaram a muitos indianistas e estudiosos em geral.

\*

Dizia ele, por exemplo, que ao longo das regiões percorridas lhe fora dito, sempre, que os indígenas não mantinham contato pessoal com população alguma naqueles lados. Que todas as crianças botocudas – acaso arrebanhadas por brancos vingadores e trazidos ao convívio dos colonos – depois de adultas se negavam a estabelecer contato com os membros de sua tribo, simulando desconhecer-lhes a linguagem e demonstrando pavor, até, dos iguais de sua raça. E este fenômeno, aliás, foi posteriormente observado também aqui no Vale do Itajaí, onde apenas uma menina indígena – criada pelo Dr. Hugo Gensch (entre nós conhecida por Maria, mas originalmente chamada de Koriokrâ) – pôde ser persuadida pelos pais adotivos a fazer revelações sobre a vida e os costumes na mata.

Já na parte que se me afigura possível que se tenha constituído em fator de inspiração à lenda do “Castelo dos Bugres”, Deeke se alongava no relato de informes colhidos em seus vários encontros com um certo João Clemente Sauer (por ele definido como “colono remoto” da região do Rio Negro), que lhe teria dito, por exemplo, ter conhecido índio de tal forma dotado de ta-

lento lingüístico, que aprendera o português apenas de rondar, à noite, casas e paióis de agricultores estabelecidos nas vizinhanças. E que este mesmo índio lhe mencionara a existência de um antigo acantonamento geral de tribos (chamado Pai-i-kerée), onde grupamentos nômades teriam, outrora, costumado encontrar-se a espaços certos, mas que Pai-i-Kerée agora (com os avanços da civilização e conseqüentes dificuldades de locomoção por parte das tribos dispersas), se tornara exílio de um chefe supremo, exilado em companhia de índios “moradores em casas de pedra”... E é no decurso destes informes de Sauer, afinal, que Deeke emprega “*Häuser und Paijohlen umschlichen*” (Rondar casas e paióis), criando o hibridismo “Paijohlen” (de paiol-paióis), com que pesquisador algum – fosse ele alemão ou tivesse apenas estudado o idioma alemão como língua estrangeira no colégio – conseguiria chegar a bons termos. E por isso mesmo – talvez consultando informante versado em regionalismos sulinos – este lhe tivesse dito que Paijohlen era expressão germanizada de “Paiol”-“Paióis”: um vocábulo “Muito Antigo”, levando o estudioso a entender que “muito antigo” se referia ao termo em alemão e não à origem do mesmo, em português....

\*

Enfim! Sabe-se bem como ocorreram, por parte de tantos estrangeiros e sucessivos mal-entendidos além de desvirtuamentos lamentáveis de assuntos nossos, uma vez que verdadeiros absurdos foram publicados seguidamente e até formulados por observadores considerados “experts” em assuntos colonizatórios. No presente caso, entretanto, alguma confusão seria até bastante compreensível, uma vez que Deeke prosseguia dizendo que, do Rio Negro, seguira para “Venca” (corretamente Avenca, hoje conhecido por Avençal), “onde moravam os alemães antigos” – subentendendo-se, aqui, tratar-se de alemães imigrados há longo tempo, para diferenciá-los dos recém-chegados: na ocasião chamados “Neu Deutsche”, ou seja, “Alemães Novos”.

No presente caso, então, julgo que não se cometeria deslize imperdoável, classificando como “primitivas” certas formulações contidas nos escritos de meu avô, que não era homem de gabinete. Conheci, antes do incêndio da prefeitura, vários relatórios fornecidos por ele e apenas o primeiro destes – apresentado na qualidade de comandante das Guardas ou “Capitão do Mato” – fora redigido em estilo formal, revisado e passado a limpo em caligrafia impecável. Os demais se me afiguravam quase que um esboço (ou improvisado à espera de polimento) e no relatório de Palmas, especialmente, via-se que fora es-

crito por pesada mão; mão calejada no emprego de foice, facão, enxada, espingarda: seus instrumentos de serviço da selva.

À sua leitura causava espanto, até, afirmação passada pelos maiores de nossa família, que referem, como traço especial de sua personalidade, um excepcional domínio da palavra. Meu pai, por exemplo (em sua Crônica da Família Deeke) destaca que seu pai – “tronco” da família Deeke no Brasil – podia, durante horas, concentrar atenção de “grande roda de mesa”, sem gerar desinteresse. E minha sogra Liddi Barreto (filha de irmã de minha avó Christiane Krohberger Deeke), contava que “Onkel Fritz” (Frederico Deeke) – mesmo avesso a tudo que exigisse etiqueta social: “predicativo de falsa modéstia”, que ele dizia ter deixado para trás, na Alemanha, e arredio a ponto de se esquivar até mesmo de maiores reuniões de família – possuía, no entanto, o dom da comunicação imediata. Que quando, em ambiente maior, conversassem vários grupos isoladamente, à sua chegada se dispersavam e imediatamente se agrupavam em volta dele, ouvindo-o atentamente.

Bem, para tais discrepâncias de imagem procurei explicação na opinião de outros parentes ainda, mas tudo ficava na mesma. Mais tarde, entretanto, quando eu própria me empenhava em acrescentar à história da família Deeke, iniciada por meu pai, a biografia das gerações subseqüentes – numa época em que já conhecia, de relatos constantes do arquivo municipal, a história de imigrantes decepcionados na Velha Pátria, mas que posteriormente também só se acomodavam com muitas dificuldades à rusticidade das condições de vida na colônia recém-fundada – acabei, afinal, por encaixar os claro-escuros presentes na figura deste avô, entendendo como e porque encontrara, ele, no seio de nossas florestas (que a tantos outros desagradaram, assustaram e até venceram), a plena realização de seus ideais de adulto. E vi que a explicação era simples.

\*

Filho primogênito de abastada família que, por mais de 200 anos, detinha o domínio de Guardamoria Hereditária dos Serviços Florestais em belíssima Circunscrição no Harz (Cordilheira central da Alemanha, nas enciclopédias portuguesas denominada Montanha Hercínia), tivera que ceder seus direitos de sucessão por primogenitura a irmão seqüencialmente mais moço, acometido que fora por grave e prolongada moléstia em sua adolescência. Assim, embora tivesse recebido, a domicílio, aulas particulares de Conhecimentos Gerais, Literatura e Música, não pudera freqüentar os preparatórios de acesso ao



curso de Agronomia Florestal, indispensável à formação das chefias administrativas.

O fato, em si, já o fizera sentir-se marginalizado. E imagine-se, agora, sua renovada frustração quando este sucessor – já formado e em vias de assumir os encargos do Guardamoria – resolveu emigrar, repassando vacância a um terceiro irmão, que apenas iniciava estudos preparatórios.

Frederico já se encontrava, então, além da idade habitual de acesso a cursos regulamentares. E, apesar de agraciado – desde a sua convalescença, no limiar da maioridade – com a supervisão geral de bem remunerado departamento florestal da 2ª instância, continuava a sentir-se prejudicado. Por essa razão, então – chegando-lhe às mãos cartas deslumbradas (e exageradas), deste irmão recém instalado no Brasil – resolveu seguir-lhe o exemplo.

Desembarcou na foz do Rio Itajaí em 1858, dirigindo-se logo à região do rio Limeira, em Brusque, onde morava aquele irmão. Comprou terras ao lado das dele e, três anos depois, casou com moça que conhecera na travessia (e que era irmã do engenheiro-arquiteto Henrique Krohberger), com ela gerando 6 filhos: uma mulher e cinco homens, desta forma implantando, solidamente, o clã dos Deeke no Brasil.

\*

Educado em meio ao exercício de lides florestais que, na Europa, implicavam em apurada observação da natureza; noção de processos de derrubada e reflorestamento utilitário; conhecimento das espécies vegetais e animais de cada região ou condado, bem como reconhecimento das espécies animais propícias à caça com finalidades alimentares e conseqüente estabelecimento dos períodos de caça e defeso, Frederico – desde logo – empreendeu, por aqui, longas excursões de reconhecimento e caçada, das quais voltava abastecido para os consumos de família.

Desta forma se tornou, inicialmente, profundo conhecedor da região de Brusque – onde viveu por 10 anos – e, após sua mudança para Blumenau, em 1868, também da nossa área. E foi devido a estes conhecimentos, especialmente, que o fundador o escolheu para o cargo de comandante das Guardas: função que previa que seu ocupante se desincumbisse, paralelamente, também do levantamento topográfico das regiões percorridas, fornecendo ainda relatórios capazes de orientar futuros avanços colonizatórios.

Seus inacabados estudos de agronomia florestal – é fácil depreender – lhe foram, aqui, de grande valia, tanto que o fundador, em seus relatórios ao Governo Provincial, muitas vezes dedicou palavras elogiosas ao comandante

das Guardas (dizendo que “tudo se fazia sob o comando zeloso do sr. Frederico Deeke, que dizia assim... e assim...”), tudo levando a crer que a falta de estilo literário e os neologismos, que introduzia em seus relatos, pouco o incomodavam. Ele próprio, todavia, jamais lançou mão desse tipo de linguagem e, apesar de não possuir, também, especiais predicados do estilo, não era rústico, de modo algum.

\*

Aliás, o que causa surpresa, hoje em dia, (quando pessoas cultas, de origem alemã, se empenham em evitar mixagens e preservar o purismo do idioma de seus antepassados), é verificar o quanto o inverso ocorria entre os nossos primeiros imigrantes e até mesmo quando se tratava de pessoas de formação universitária, já depois de curta permanência no Brasil.

O engenheiro Emílio Odebrecht, por exemplo, em relatório sobre uma expedição de canoa ao Alto Vale do Itajaí, não emprega o termo alemão ao se referir às corredeiras deste rio (*Stromschnellen*), mas fala logo em “toupavas” – de “itoupava”: a expressão indígena para corredeiras, adotada pelos imigrantes da região e incorporada ao vocabulário dos primeiros colonos – dizendo-se, depois, que isto acontecia porque alguns vocábulos alemães não expressavam bem as características de objetos, ou práticas agrícolas a relacionar, preferindo-se, por isso, incorporar, logo de uma vez, expressões brasileiras ao discurso em alemão e assim proporcionar maior precisão aos descritivos de vida no Brasil.

Eu mesma, já em criança, presenciei longas discussões sobre o tema e lembro que se dizia que o nosso jeito de limpar a terra, ou “capinar”, não tinha correspondente adequado em língua alemã, razão pela qual nossos colonos “capinen sua roce”, uma vez que também o vocábulo correspondente à palavra “roça” (“Acker”), não retrataria bem o modelo de plantação cultivado entre nós.....

De qualquer forma, certo é que os alemães recém-chegados brevemente empregavam “capinen”, “rocieren” e “fóice” (dizendo geralmente “fóiste”), deixando consternados imigrantes de leva posterior que, no entanto, também aderiam logo ao mesmo linguajar. E, ainda que a justificativa de falta de vocábulo adequado fosse válido em alguns casos, noutros carecia completamente de fundamento – como, por exemplo, em “*Pux-Ochse*”: aquela parrelha de bois outrora usada para puxar arados nas roças ou mover bolandeiras nas engenhocas de açúcar e farinha de mandioca em nosso litoral. É que, aqui, o correspondente alemão “*Zug Ochse*” (de *ziehen*: puxar), nada ficava a dever em precisão descritiva à expressão nacional. No entanto, mesmo não existindo

bastante terra plana para se fazer uso deste tipo de arado no preparo de roças na região de Hansa – Hamônia (hoje Ibirama), onde me criei, e mesmo não se encontrando, por lá, ninguém que falasse suficientemente o português para ser suspeito de haver criado a presente aculturação, ainda assim qualquer bovino, pastando sossegadamente em paragens centrais, era logo chamado de “*Pux-Ochse*”, às vezes por quem nem sabia por quê...

Restava, então, a suposição de que tal aglutinação houvesse iniciado nos confins da serra (onde tais parelhas estavam sempre presentes para puxar toras abatidas na mata ou rebocar veículos atolados na lama) e onde lenhadores isolados, ocasionalmente se confrontando com tropeiros de Lages e cavaleiros solitários, tivessem ouvido deles a expressão “puxar os bois” e imediatamente passado adiante esta nova aculturação.

À parte, porém, discussões de caráter secundário – e que só têm valor ilustrativo nas presentes evocações – é preciso acrescentar que, embora me parecesse às vezes muito detalhado, outras vezes até mesmo ingênuo, enviei cópias do relatório de Palmas a muitos estudiosos do problema dos índios e julgo bem possível que Bernard tenha baseado seus argumentos em interpretações já desvirtuadas por terceiros.

O que, em todo caso, me intrigou sobremaneira (à pagina 228 do “Terra Oca” de Raymond Bernard, cuja obra só adquiri depois que Elly Herkenhoff se manifestara a respeito), é sua afirmação de que “este primitivo colono alemão de Santa Catarina” tivesse escrito e publicado livro “em alemão antigo, tratando do mundo subterrâneo”; que para isto se tivesse baseado em afirmações dos índios; que houvesse empenhado quase seis anos à investigação de túneis construídos “obviamente por uma raça muito antiga a fim de alcançar as cidades subterrâneas” e que, à época da publicação de seu livro, tais estudos ainda estavam em andamento...

\*

Não sou perita em bibliografias de caráter geral, mas estou convicta de que tal livro não existe. Meu pai era escritor (principalmente voltado a temas históricos) e tinha vasta biblioteca sobre colonização alemã no Brasil: – não apenas por interesse inato, mas paralelamente por atribuições de cargo, diretor que foi, de 1909 a 1929, da Companhia Colonizadora Hanseática (com sede em Hansa Hamônia, hoje Ibirama), mas que respondia ainda por núcleos de colonização alemã em Hansa Humboldt, hoje Corupá; Itapocu, proximidades de Joinville; e mais outra em São Bento do Sul.

O assunto – deduz-se – lhe tocara de perto, uma vez que foi ele, a seu tempo, o primeiro a escrever minuciosa história de Blumenau: obra até hoje consultada por estudiosos do Brasil e do exterior. E acrescenta-se ainda que, entre nós, nem só ele historiava, porque também o pastor Paul Aldinger – misto de pastor, professor e estudioso que, na época, elaborava sua respeitabilíssima obra “*Deutsche Mitarbeiter in Brasilien*”: “Colonização Alemã no Brasil” – jamais mencionou publicação semelhante, de modo que quaisquer referências a índios moradores em “casas de pedra” (detalhe do qual imagino se tenha derivado a lenda de “Castelo dos Bugres”), permanecem exclusivamente por conta dos registros do meu avô. Registros, que pensando bem, continham, afinal, elementos suficientes para inflamar o imaginário ancestral do bio-tipo anglo-saxão, como se verá a seguir.

\*

Sim! pois é do conhecimento de todos nós que as civilizações européias, de modo geral, diante de qualquer situação que se lhes afigurava insolúvel, costumavam mergulhar seus heróis em sono profundo (à semelhança do que se fez com a Bela Adormecida), ou bani-las em cavernas e grutas, conforme aconteceu em Barbarroxa, e se repetiria com o Cacique (grafado “Cazike”), na lenda joinvilense agora em questão.

Nesta, conforme rememorativas de Elly Herkenhoff, um “Cazike” penetrara em um castelo de pedras, deixando em seu átrio “nobre cavalo branco”, o qual, cada vez mais atemorizado em meio ao espinhal que se ia adensando em torno, espera a saída de seu “Senhor” que, no entanto, “ainda permanecerá por longo tempo” lá dentro...

Na lenda germânica, por sua vez, Frederico I (imperador da Alemanha e rei da Itália), tendo-se engajado na 3ª Cruzada em prol da libertação da Terra Santa do Domínio Muçulmano, morrera afogado em um rio na Cilícia. Seus súditos, porém, ao invés de prantear-lhe a morte, preferiram declará-lo sobrevivente em cavernas de *Kiffhäuser*, para onde se teria retirado à espera de “dias melhores”...

A esse respeito, então, existe bela canção em língua alemã, a qual narra que, a cada cem anos, um bando de corvos largaria das frestas da montanha para auscultar se paz se fizera e, em caso positivo, transmitir a boa nova a seu “senhor”. Como a paz, porém, tardasse e os corvos retornassem de novo, e outra vez, sem a notícia aguardada, o Rei da Barba Ruiva – que agora já perfurava a mesa em que estava sentado – tornava a baixar a cabeça, murmurando que só lhe restava aguardar outra vez, por mais cem anos.....

Fui verificar se a lenda constava na *Brockhaus* (Enciclopédia alemã) e descobri que outra semelhante foi também formulada a respeito de Carlos Magno (*Carl, der Grosse*), que à moda de Barbarroxa, aguardaria ainda o seu tempo de voltar.

\*

Tempo, então... Eis outro ingrediente significativo no fabulário europeu! Um tempo, aliás, sempre caracterizado por séculos, ou expectativas hipotéticas, como neste outro poema alemão: “*Dreizehn Linden*” (“Treze Tílias”), que tem por palco a Baixa Saxônia no decurso do ano 1000, relatando que, tendo sido extintas as funções de Grande Sacerdotisa pagã nos primórdios do Cristianismo, se recolhera, ela, a refúgio subterrâneo, munida de jóias e taças cerimoniais de valor incalculável, no intuito de preservá-las até a volta dos deuses Wodan, Freya e Baldur.

Tempo hipotético, sim! que também não faltava no poema joinvilense, datado de 1896. E que, neste, só teria transcorrido quando “cavalos a vapor” viessem a rodar sobre trilhos de ferro, destruindo o matagal... Por enquanto, porém, a gente “aqui de fora” continuaria “espreitando” o íngreme Castelo e o Cavalo Branco, seu guardião... por muito tempo ainda!

\*

Bem! Voltando ao essencial, agora, posso afirmar que, embora contando apenas nove anos de idade por ocasião da pacificação dos botocudos por Eduardo de Lima e Silva Hoerhan em 1914 (ocorrido, como já disse, dentro de concessão de terras à Companhia Colonizadora Hanseática, do qual meu pai era diretor), ainda assim me lembro perfeitamente de ataques indígenas pelas vizinhanças e de tudo que se comentava a respeito deles, depois. Deste modo sei muito bem que, em seus assaltos à casa dos colonos, sempre visaram apenas – além de pilhagens de milho e de utensílios domésticos – à apreensão de gado vacum, cujos espécimes abatiam e carneavam ainda em pastagens próximas. A equinos e muares jamais deram a mínima atenção – muito provavelmente porque, entre eles, sempre coubera exclusivamente às mulheres o transporte do fruto das pilhagens, bem como das crianças e pertences tribais, de modo geral. Assim sendo, como pretender que se tornasse verossímil (pelo menos em parte), a história de um “fiel Cavalo Branco”, se esses índios não apreciavam cavalos e nem sabiam montar?

– Só caso se tratasse (como, aliás, a articulista joinvilense já observou), da preferência pessoal de um “Cacique Atlante”: eventual sobrevivente

da “pavorosa catástrofe no Oceano Atlântico, narrada por Platão”, o qual, chefiando grupo, se refugiara na costa sul-brasileira e aqui construía cidades subterrâneas...

No mais, que mal havia em que se continuasse a celebrar o belíssimo poema “*Das Bugerschloss*” (Castelo dos Bugres), como excepcional trabalho de ficção que é, fruto da imaginação de coletividade majoritariamente integrada por pessoas de formação européia? Formação esta, aliás, muito mais sujeita, no século passado, ao cultivo de componentes fabulares do que hoje, quando já se encontra caldeada por múltiplos processos de ajustamento e assimilação.

\*

Os ciclos, como os círculos, porém, sempre se fecham. E há bem pouco tempo, então – em reportagem de TV de que alguns, desta vez, talvez ainda estejam lembrados – mostrou-se escalada da Pedra da Gávea por alpinista solitário, e eis que o repórter enfatiza que “esta escalada” vinha sendo empreendida pelo lado sobre a qual existem “lendas milenares”: lendas relativas a rei fenício que, um dia (por “porta jamais reencontrada”), nela penetrara munido de tesouros inestimáveis... E neste ensejo, afinal, velhas abstrações de Strauss (e também do conferencista alemão escorraçado de sua platéia por G.A Koehler, aqui em Blumenau, em finais da década de 20 ou início da seguinte), acabaram por ser revivenciadas – naturalmente sem diálogo com interlocutores intra-terrestres, mesmo porque a porta de acesso continuava desconhecida ...

\*

Já no tocante a Pa-i-Kerée, aquele legendário acantonamento indígena mencionado por João Clemente Sauer a meu avô, em 1876, e por este transcrito no Relatório de Palmas (que, conforme já sugeri reiteradamente, é passível de haver chegado aos ouvidos de Bernhard adulterado por leitores sucessivos), até mesmo este acabou por ser desmitificado !

Ou seja: do relatório de meu avô constava que tal acantonamento estaria situado “por detrás do morro do Itaiol”, localização, esta, desde logo substituída por todos os estudiosos pelo morro Taió (nas vizinhanças de Rio do Sul), onde também nada foi encontrado. O que, entretanto, causava sempre a maior espécie, era habitarem, aqueles índios, “casas de pedra”... Ora, se nossos selvagens mal e mal sabiam armar ranchos de folhas de palmito, como teriam podido erguer casas de pedra, por mais rústicas que fossem?

Eu, de minha parte, sempre achei mesmo que tal afirmação constituía mentira de índio, invenção de Sauer ou fantasia do chefe dos batedores de Blumenau... Assim, foi com surpresa que vim a tomar conhecimento (mais ou menos em fins da década de 70), da existência de um reduto nos moldes do outrora mencionado acantonamento. E – mais que isto ! – em vizinhanças da região onde fui criada.

\*

Sim! Pois eis que me contaram, então, que à meia-altura de uma das formações montanhosas da Serra do Mirador (que, descrita de Rio Negro ou de Rio Negrinho, de fato estaria situada “por detrás de grandes campos além do morro Itaiol”), se encontrava local belíssimo, acessível apenas por estreito passo e, por isso mesmo, de conveniência e fácil defesa pelos índios.

Tratar-se-ia – conforme me foi descrito na ocasião – de extenso paredão de pedras, dotado de grutas escalavradas por mãos humanas (mãos atlantes-trogloditas ou erosão milenar?), diante do qual se estenderia platô intercalado por vertentes de água cristalina, projetada dos altos da serra.

Que – quando fora inicialmente visitado pelo dono das terras afins – ainda teriam sido abundantes, lá no alto, esqueletos e crânios que curiosos, no entanto, haviam levianamente jogado serra abaixo. Que, assim mesmo, ainda sobriariam aglomerados de entulho (provavelmente dignos de merecerem estudos) e que só haviam sido preteridos por não constituírem, nem objetos de adorno, nem mercadoria a transacionar.

Sobretudo – me disseram – o proprietário desta passagem sempre pedira discrição relativamente às ossadas existentes no local, porque temia aborrecimentos e até mesmo medidas de desapropriação por parte do governo, caso caçadores e visitantes ocasionais fizessem muito alarde a respeito... Neste caso, porém, eu lhe teria podido dizer – desde logo – que ficasse descansado, uma vez que, em situações semelhantes, nossos governos acabaram, sempre, por esbarrar em problemas de “falta de verbas” e que assim foi ao tempo de meu avô (por ocasião da extinção do Serviço de Proteção aos Índios, em 1877), como continuou sendo no tempo de Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, nas décadas de 30 e 40 do século atual.

Sim! Pois lembro-me bem das muitas vezes em que o pacificador dos bugres, estabelecidos no Posto Duque de Caxias, solicitou a Roquete Pinto verbas destinadas ao estudo da língua destes índios (que a si mesmos, denominavam “xokleng” e sua língua: “Kaingang”), sem que aquela autoridade tivesse encontrado tempo, ou jeito, para a concessão das verbas propícias ao empre-

endimento – e isto numa época em que ainda teria sido fácil empreender estudos de sua linguagem e tentar obter maiores informes sobre migrações e experiências tribais anteriores dos botocudos, uma vez que o contato com as tribos amazônicas era muito difícil, na ocasião, e os índios das reservas do Paraná e do Rio Grande do Sul já não falavam a própria língua sem derivações e mixagens com o Português. Como nada, porém, fosse feito, aqui entre nós, contou-nos Eduardo que acabou por aparecer, no Posto, um americano que, por dois anos, se dedicou a um estudo minucioso do assunto e que agora a língua “Kaingang” teria sido incluída no Programa Geral dos Idiomas Indígenas, lecionados na Universidade da Filadélfia, USA.

\*

A mesma coisa aconteceu também a quem me relatou, em primeira mão, a existência de grutas e ossada digna de estudos, remanescentes no local em questão. Esta pessoa – embora considerando os pedidos de cautela formulados pelo proprietário das terras de acesso – acabou por transmitir seus conhecimentos a uma autoridade competente em nosso Estado, que, alegando falta de tempo, nem compareceu, nem mais se manifestou. De minha parte, a seguir – conhecendo pessoalmente o etnólogo e antropologista Egon Schaden (Catedrático de Antropologia em São Paulo), lhe comuniquei o fato, tempos depois, ocasião em que Schaden – certamente por não ser, ele, responsável por pesquisas em nossa região – encaminhou minha carta a professor de Antropologia da Universidade de Santa Catarina, o qual me procurou em casa, mas não me encontrou.

Telefonou-me, dias depois, e eu então lhe disse que o mais acertado seria entrar em contato com o meu informante e, com este, seguir ao local. Isto, porém, não aconteceu! Mais tarde, finalmente, comentando o caso com velhos conhecidos de Ibirama (e externando meus receios de que agora, à moda do que já acontecera com o idioma dos bugres ao tempo de Eduardo), algum estrangeiro viesse a nos preceder no estudo destes detritos, Eckerhard Aichinger, um de meus interlocutores, me encarou e disse:

– Ah! então você não sabe? Tempos atrás já andou por aqui uma cientista alemã, que levou amostras do material, ainda existente, para os respectivos estudos na Europa – e então, de minha parte, mais uma vez se comprovou que, por falta de verbas, de interesse ou de tempo, as coisas tornam, sempre, a se repetir por aqui!”



### *Avaliações posteriores*

Bem! As considerações de minha mãe terminavam ali. Onze anos após a sua morte, porém, três artigos de jornal (Jornal de Santa Catarina, 19 e 20 de maio de 1996, domingo e segunda-feira; 21 de maio de 1996, terça-feira; e 26 e 27 de maio de 1996, domingo e segunda-feira), mostravam que o interesse a respeito não morrera e que pelo menos o seu sobrinho, dr. Niels Deeke (e agora também o arqueólogo Rossano Lopes Bastos, do Instituto de Patrimônio Histórico, IPHAN), encaravam o assunto com seriedade.

Dr. Niels Deeke foi, certamente, em 1976, o informante de minha mãe, que lhe pedira discrição a respeito, não apenas às expensas do proprietário das terras de acesso, (que temia desapropriações), mas igualmente a conselho do padre Rohr (também arqueólogo), temeroso de que a divulgação pudesse atrair vândalos e os costumeiros caçadores de tesouros, propiciando novos saques.

Agora, entretanto, alguma coisa mudara. Novas pesquisas (bem como entrevistas com moradores antigos), já haviam sido realizadas, de modo que aspectos mais obscuros da questão estavam, aos poucos, sendo esclarecidos e publicados nos números em questão do nosso jornal. E, resumindo, este divulgava:

1 – Que o conjunto de cavernas (que se encontra num dos pontos culminantes da Serra do Mirador, entre os municípios de Ibirama e Presidente Getúlio), já havia sido registrado pelo engenheiro Emílio Odebrecht em relatório de sua expedição em busca das nascentes do rio Itajaí-Açu (realizada de 23 de janeiro a 12 de fevereiro de 1863), onde comparava a parte noroeste da serra a um esquife ou “costado de cavalo”, e contava que “um soldado, que antigamente conviveu com os bugres, disse que dificilmente um branco se sujeitaria a morar nestas cavernas”;

2 - que também o bugreiro Martinho Marcelino de Jesus esteve por lá em 1905 (encontrando “um largo caminho dos bugres”), quando comandava assalto a um reduto indígena nas proximidades, não se sabendo “se matou todos os índios ou achou alguma coisa que não quis revelar”;

3 - que a reportagem do “Santa” – nas 15 cavernas que visitou no paredão – as descreveu como sendo de dimensões praticamente uniformes, medindo cerca de “4 metros de largura por 10 metros de profundidade e 2,50 metros de altura”, verificando que algumas delas se comunicavam com passagem nos fundos e declarando, ainda, que escavando buraco em cerca de 50 centímetros, uma delas revelara “vestígios de ossos, um dente e uma pequena argola de colar”;

4 - que o dr. Niels Deeke (“o primeiro a reconhecer as cavernas como importante sítio arqueológico”), contou por lá 52 cavernas no ano de 1976;

5 - e que, segundo ele, o conjunto de cavernas da Serra do Mirador tinha capacidade de “dar conforto a pelo menos 500 índios em habitação constante”.

\*

Por outro lado, citava-se que uma das “referências” mais interessantes ao reduto indígena seria o poema “*Das Bugerschloss*”, escrito em alemão antigo por um dos pioneiros da imigração – mas acho que aqui existe novo engano. Sim, porque a única pessoa que mencionara a existência de escritos em “alemão antigo”, em território catarinense, foi Raymond Bernard – e certamente mal instruído por alguém, conforme Elly Herkenhoff e minha mãe já discutiram reiteradamente.

Aliás, acho necessário, finalmente, esclarecer que não existe identidade entre eventuais formas de redação antiquadas e o cultivo do “Altdeutsch”: modelo original do idioma alemão culto ou castiço, usado na literatura e na filosofia, especialmente nos séculos XII e XIII.

Além do mais, desde sua publicação em 1896 ( e apesar de pouco lembrado pelas gerações atuais), o poema “*Das Bugerschloss*” parece ter constituído referencial fabular exclusivamente joinvillense, e minha mãe, por exemplo (criada em Ibirama e interlocutora constante de seu pai, José Deeke), não deu mostras, em seus rascunhos, de ter sabido desta produção literária antes que Elly Herkenhoff a citasse, em 1983.

\*

No tocante, agora, às conclusões do arqueólogo Rossano Lopes Bastos (do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN), sobre o Sítio Arqueológico em questão, acho interessante transcrever – *ipsis litteris* – o texto relativo, contido na edição de 26 e 27 de maio de 1996, do Jornal de Santa Catarina, e subscrito por Guarim Liberato. É um texto sucinto e claro, que encerra bem a questão:

“*Serra do Mirador*

*ARQUEÓLOGO PESQUISA AS CAVERNAS DE IBIRAMA*

*Os primitivos habitantes das grutas nos paredões entre Ibirama e Doutor Pedrinho habitaram o local há cerca de 3 mil anos.*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

*IBIRAMA - As evidências arqueológicas encontradas nas cavernas da encostas da Serra do Mirador, um dos pontos culminantes do Alto Vale, entre Ibirama e Presidente Getúlio, indicam que elas vinham sendo habitadas há pelo menos 3 mil anos. Os locais foram registrados pelo arqueólogo Rossano Lopes Bastos, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como fazendo parte de um complexo arqueológico que incluía uma oficina lítica onde os habitantes pré-colombianos construíam suas armas, machados e flechas, para a caça e defesa e foi tombado como Patrimônio Nacional.*

*A oficina lítica foi encontrada na lavoura de hortaliças do agricultor Ivo Gramkow, na localidade de Dalbérgia, ao pé da Serra do Mirador e às margens do Rio Hercílio. Todos os anos quando Gramkow ia trabalhar a terra para o plantio, encontrava vários pedaços de pedras lascadas. As pedras eram tantas que chegavam a dificultar a evolução do arado. O que ele não sabia é que no local onde hoje é sua lavoura, funcionava, em tempos passados, uma oficina lítica onde habitantes pré-históricos fabricavam as boas ferramentas para caça e defesa.*

*Uma pequena ilha arborizada do Rio Hercílio, próxima ao local onde foi encontrada a oficina lítica, era o reduto de capivaras, pacas, aves e outros animais de que os habitantes pré-históricos se alimentavam. Segundo Rossano as rochas eram trazidas provavelmente das cabeceiras do Rio Hercílio ou do alto da serra.*

### Pré-história

As grutas, segundo Rossano Bastos, são formações naturais e podem ter sido ocupadas por várias culturas que se sucederam umas às outras durante os séculos passados. A idade da formação destas grutas e a época de sua primeira ocupação só poderão ser apresentadas com segurança depois de sofisticados estudos. "O homem já ocupava o Vale do Itajaí há pelo menos 6 mil anos e como as grutas do Mirador estão localizadas no maciço que separa o litoral da serra, provavelmente foram habitadas pelas mais antigas civilizações do Vale do Itajaí", explica Rossano.

A maioria das grutas (ainda não se sabe quantas existem) estão localizadas na face leste da Serra do Mirador. Logo que o sol nasce, irradia e aquece o interior delas. As entradas das grutas são largas, algumas formam lapas o que facilitava, segundo Rossano, a utilização do fogo pelos habitantes primitivos. "Elas serviam para abrigo da chuva, do frio, de répteis venenosos e animais carnívoros", explica.

Em uma única gruta foram encontrados restos de ossos e peças de colares. Rossano explica que esta seria a gruta funerária e é uma das evidências mais fortes de que elas eram realmente habitadas. O que o arqueólogo Rossano Bastos estranhou, foi não ter encontrado inscrições rupestres na rocha. "Ge-

ralmente as civilizações pré-históricas registravam seu cotidiano e suas caçadas na rocha", explica. "Certamente as civilizações pré-históricas do Vale do Itajaí usavam as grutas somente durante a noite e durante o dia caçavam pequenos animais e coletavam frutas e raízes pela exuberante floresta da região".

\*

Finalizando, eram essas as conclusões publicadas pelo Jornal de Santa Catarina em maio de 1996, evidenciando que João Clemente Sauer – o informante de meu bisavô na região do Rio Negro, há mais de um século atrás – não estava tão errado assim ao transmitir informes sobre índios “moradores em casas de pedra”.

Quanto a túneis no subsolo catarinense, nada de expressivo foi constatado por enquanto. E o encontro de cidades subterrâneas certamente continuará restrito, para sempre, aos domínios da fantasia.



**Castelo do Bugre – Cavernas da Serra do Mirador**

**A Visita do  
Ministro da  
Guerra Eurico  
Gaspar Dutra  
a Blumenau**

Chega a Blumenau o Exmo. Sr. General de Divisão Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra. O Exmo. Sr. Dr. Nereu Ramos, Interventor Federal no Estado, apresenta-lhe, oficialmente, cumprimentos.

Blumenau recepcionou, dia 2 do corrente ano, a S. Excia. o sr. Ministro Eurico Gaspar Dutra, eminente reformador do nosso poderio bélico, que, depois de visitar Curitiba e Joinville, chegou a esta cidade, onde lhe aclamaram o nome as autoridades federais, estaduais e municipais e mais centenas de populares que, defronte do Hotel Elite, aguardavam sua vinda.

Desde cedo a expectativa na cidade era intensa.

S. Excia., no entretanto, viajando de automóvel de Joinville, só estacionou à frente do Hotel Elite, às 16 horas, acompanhado de sua exma. Esposa, do sr. General Pedro Cavalcanti de Albuquerque, Comandante da 5ª. Região Militar e da Infantaria Divisionária, Major João Coelho dos Reis, Capitães Luiz Peres Moreira e Alceu Linhares, do Gabinete do sr. Ministro; Tenente Coronel José Daut Fabrício. Cmte. do 1º. Batalhão Rodoviário; Major José da Costa Monteiro, Chefe do Serviço de Engenharia da Região; Capitão Adalberto C. Rato, ajudante do Cmte. da Região e 1º. Tenente Hélio Cavalcanti, do Quartel General da 5ª. Região Militar.

Sob o comando do Capitão Newton Machado Vieira, a 1ª. Companhia do 32º B.C., perfilada nas imediações do Hotel Elite, homenageou ao ilustre militar brasileiro que, mais adiante, à entrada daquele hotel, recebeu os cumprimentos do Exmo. Sr. Dr. Nereu Ramos, Interventor Federal no Estado, e de altas autoridades civís e militares, dali rumando, momentos após, em direção ao quartel do 32º B.C., onde teve lugar a inspeção militar do titular da guerra.

Prosseguindo com as manifestações, realizou-se, às 17:30 horas, defronte do Teatro Carlos Gomes, numerosa concentração escolar em homenagem a S.



**Fonte:** Boletim Semanal da Prefeitura Municipal de Blumenau – Ano I – Blumenau, 8 de abril de 1941 – no. 45.

**Acervo:** Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”.

Excia., tendo, nessa ocasião, os representantes de todos os colégios, ofertado-lhe lindos ramalhetes de flores naturais.

As homenagens a S. Excia, culminaram com o admirável concerto orfeônico do Clube Musical Carlos Gomes, impressionando vivamente S. Excia., o qual não resgatou aplausos a seus componentes, mui principalmente na execução do hino nacional. Em seguida, no Teatro Carlos Gomes, teve lugar o banquete da gente laboriosa de Blumenau ao ilustre patriota, dele participando os elementos mais representativos do Estado, deste município e dos municípios vizinhos.

À cabeceira da mesa tomou lugar o Sr. General Eurico Gaspar Dutra, ladoado dos srs. Dr. Nereu Ramos, interventor Federal no Estado e General Pedro Cavalcanti de Albuquerque, Comandante da 5ª. Região Militar e da Infantaria Divisionária.

Ao ágape falou o sr. José Ferreira da Silva, ilustre Prefeito deste Município, pronunciando belíssima oração.

Sucedeu-lhe com a palavra o sr. General Pedro Cavalcanti de Albuquerque, Cmte. da 5ª. Região, que em nome do Sr. Ministro, disse: A agradeço-vos, em nome do sr. Ministro da Guerra, as homenagens que lhe foram prestadas. S. Excia. e todos os que lhe acompanham mostram-se deveras impressionado com o progresso da cidade e o labor de sua gente.

Após falou o sr. Nereu Ramos, Interventor Federal no Estado, enaltecendo a brilhante cooperação do Exército Nacional no reerguimento da Nação, sob a chefia suprema do Presidente Vargas, a quem levantou um brinde de honra. S. Excia., como os demais oradores, foram demoradamente aplaudidos.

Durante o banquete, tocou a Banda de Música do 32º B.C.

### **Tenente Coronel Otávio da Silva Paranhos**

Blumenau hospeda, desde quinta-feira, 3 do corrente, o sr. tenente-coronel Otávio da Silva Paranhos, prestigioso militar do nosso Exército, que, ontem, assumiu o comando do 32º B.C.

O ten.-Coronel Paranhos vem de deixar o cargo de sub-diretor de Ensino da Escola Militar, exercido durante a administração do general Fiuza de Castro.

Boletim Semanal lhe felicita e lhe apresenta votos de feliz permanência entre nós.

### **Outra Notas**

Todas as casas comerciais e particulares, bem como as repartições públicas, desde cedo, em homenagem à visita do sr. Ministro Eurico Gaspar Dutra, hastearam a bandeira nacional.

### DISCURSO

pronunciado pelo Sr. José Ferreira da Silva, no banquete que a laboriosa gente de Blumenau ofereceu ao Exmo. Sr. General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra.

Exmo. Sr. General, Ministro da Guerra.

Exmo. Sr. Dr. Interventor no Estado.

Meus Senhores.

Blumenau, pelo seu modesto dirigente, agradece a V. Excia. a honra de visita com que nos distingue.

Há muito tempo que Blumenau, Sr. General, lhe devia esta homenagem.

Há muito que ansiávamos por este instante, em que V. Excia., num gesto bem afeito do seu grande coração de soldado e de patriota, permite que de publico, numa manifestação sincera, sem aparatos, simples como é simples a gente desta terra, externemos a nossa gratidão pelo que V. Excia., Sr. General, tem feito por Blumenau.

Através das decisões da pasta em boa hora entregue á clarividente e ponderada gestão de V. Excia.; através de seus delegados nesta cidade, dos comandantes da gloriosa unidade do Exército aqui sediada, temos conhecimentos, Sr. Ministro, do carinho, da abnegação, do entusiasmo com que V. Excia. tem voltado vistas para este município, procurando solucionar, com a inteligência e com justiça, problemas de transcendental interesse nosso, do Brasil.

## Blumenau rumo aos 150 Anos de Fundação

### Lista de Moradores da Colônia Blumenau - 1869 (Parte 4)

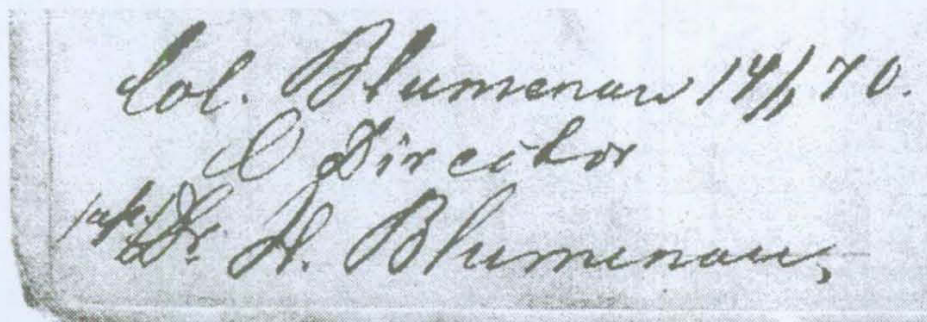
TEXTO:

HERMANN  
BLUMENAU\*

Nesta edição publicamos a quarta e última parte da “Estatística Nominal dos Habitantes” da Colônia Blumenau, visando divulgar a nominata das primeiras famílias que se estabeleceram na região e gerar subsídios para pesquisas genealógicas.

Ao término da listagem, apresenta-se uma recapitulação, contendo todos os distritos discriminados e seus números correspondentes em relação ao sexo, idade, estado civil e religião, chegando-se a um resultado final que representa 5.985 habitantes.

Destacamos ainda um aspecto visual interessante do documento que foi transcrito e publicado nestas três últimas edições da Revista “Blumenau em Cadernos”, quando Dr. Blumenau conclui o trabalho, datando e assinando o mesmo:



Col. Blumenau 14/1/70.  
O Director  
Dr. H. Blumenau,

Colônia Blumenau 14/1/1870  
O Diretor  
Dr. Hermann Blumenau

**BLUMENAU**  
em Cadernos

\* Documento original registrado sob número PO2.34 – 341, Acervo Blumenau Colônia – Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”.



Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Distrito de povoação Blumenau	Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01/10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos
14.	Augusto Boering	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
15.	Guilherme Brehmer	04	02	02	-	03	01	02	04	-	06
16.	Frederico Hoeltgebaum	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
17.	Theophilo Schley	03	02	02	01	02	-	02	03	-	05
18.	Guilherme Borchut	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
19.	Guilherme Brandenburg	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
20.	Carlos Oldenburg	02	01	02	-	01	-	0	01	-	03
21.	Augusto Grubert	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
22.	Guilherme Ulrich	01	02	02	-	-	01	02	01	-	03
23.	Frederico Mantey	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
24.	João Reguse	03	02	02	-	02	01	02	03	-	05
25.	Carlos Stuhlert	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
26.	João Dumke II	01	02	02	-	-	01	02	01	-	03
27.	Augusto Ewald	02	01	02	-	-	01	02	01	-	03
28.	Frederico Michelsohn	04	01	02	-	03	-	02	03	-	05
29.	Augusto Schuster	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
30.	Augusto Eickenberg	03	02	02	-	03	-	02	03	-	05
31.	Theophilo Timm	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
32.	Fernando Zamzow	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
33.	Augusto Venske	02	03	02	-	02	01	02	03	-	05
34.	Guilherme Gerth	01	02	02	-	-	01	02	01	-	03
35.	Theophilo Roebke	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
36.	Fernando Kohls	02	02	03	01	-	-	02	02	-	04
37.	Augusto Jandt	02	02	02	-	01	01	02	02	-	04

38.	Carlos Müller	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
39.	Miguel Krüger	02	03	02	03	-	-	02	03	-	05
40.	Guilherme Krüger	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
41.	Henrique Manske	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
42.	Frederico Priebe	01	02	02	01	-	-	02	01	-	03
43.	Henrique Zickuhr	02	02	02	01	02	-	02	02	-	04
44.	Carlos Zanke	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
45.	Henrique Janke	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
46.	Guilherme Ittner	02	03	02	-	02	01	02	03	-	05
47.	Henrique Bloedorn	03	04	02	02	03	-	02	05	-	07
TOTAL		98	98	96	20	67	13	92	104	08	188
<b>XXI Distrito do rio Benedito, margem esquerda</b>											
01.	Carlos Blaese	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
02.	Carlos Dumke	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
03.	Augusto Dumke	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
04.	Carlos Krause	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
05.	Julio Maas	01	03	02	-	02	-	02	02	-	04
06.	Augusto Maas	05	01	02	01	03	-	02	04	-	06
07.	Guilherme Marquardt	03	04	03	-	04	-	02	05	-	07
08.	Ernesto Panten	01	04	02	-	03	-	02	03	-	05
09.	Carlos Wegner	03	02	04	-	01	-	02	03	-	05
10.	Guilherme Wegner	03	-	03	-	-	-	-	03	-	03
11.	Henrique Lassan	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
12.	Carlos Stieber	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
13.	Augusto Stark	03	05	03	01	03	01	02	06	-	08
14.	Carlos Koepsel	05	02	02	02	02	01	02	05	-	07
15.	Luiz Roebke	03	02	02	-	03	-	02	03	-	05

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Distrito de povoação Blumenau	Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01/10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos
16.	Guilherme Moebs	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
17.	Augusto Schulz	02	02	03	01	-	-	02	02	-	04
18.	Frederico Leitzke	01	03	03	-	01	-	02	02	-	04
19.	Augusto Duwe	02	03	05	-	-	-	02	03	-	05
20.	Frederico Duwe	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
21.	Guilherme Doburg	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
22.	João Neitzel	03	03	02	04	-	-	02	04	-	06
23.	Frederico Strelow	02	02	03	-	01	-	02	02	-	04
24.	Carlos Pinzke	01	04	02	-	02	01	02	03	-	05
25.	Augusto Ziebell	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
26.	Augusto Viebranz	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
27.	Carlos Leitzke	02	01	03	-	-	-	02	01	-	03
28.	João Manske	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
29.	Christiano Decker	02	03	02	01	02	-	02	03	-	05
30.	João Hempe	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
31.	Guilherme Kamholz	02	-	02	-	-	-	02	-	-	02
32.	Hermano Berndt	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
33.	Frederico Samp	02	02	02	01	01	-	02	02	-	04
34.	Guilherme Samp	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
35.	Carlos Manske	02	03	02	-	02	01	02	03	-	05
36.	Fernando Zumach	02	02	02	-	01	01	02	02	-	04
37.	João Tribess	02	02	02	-	01	01	02	02	-	04
TOTAL		75	71	84	11	45	06	68	78	-	146

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

XXII Distrito da povoação do rio Benedito											
01.	Guilherme Fustmann	02	03	02	-	02	01	02	03	-	05
02.	Christiano Gebhardt	03	01	02	02	-	-	02	02	-	04
03.	Henrique Siebert	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
04.	viúva Maria Bahr	01	01	02	-	-	-	-	02	-	02
05.	Augusto Schleicher	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
06.	Othão Kowalski	01	03	02	-	02	-	02	02	-	04
07.	Augusto Feussel	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
08.	Adolpho Bernack	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
09.	Emilio Wendt	02	01	03	-	-	-	02	01	-	03
TOTAL		15	14	19	02	07	01	16	13	-	29
XXIII Distrito do Rio dos Cedros, margem direita											
01.	Carlos Klitzke	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
02.	Carlos Hammermeister	01	03	02	-	02	-	02	02	-	04
03.	Augusto Adam	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
04.	Augusto Sauer	02	01	02	-	0	-	02	01	-	03
05.	Alberto Strey	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
06.	Carlos Kochlin	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
07.	João Wallow	02	03	04	-	01	-	02	03	-	05
08.	Alberto Strey	02	-	02	-	-	-	02	-	-	02
09.	Carlos Bertram	03	01	02	01	01	-	02	02	-	04
10.	Alberto Koffke	02	02	02	-	01	01	02	02	-	04
11.	João Klitzke	04	02	02	-	04	-	02	04	-	06
TOTAL		21	18	24	01	13	01	22	17	-	39
XXIV Distrito do Rio dos Cedros, margem esquerda											
01.	Carlos Noerenberg	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
02.	João Milbratz	02	03	03	-	02	-	02	03	-	05
03.	Carlos Jahn	02	03	03	-	02	-	02	03	-	05

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Distrito de povoação Blumenau	Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01/10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos
04.	Fernando Klug	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
05.	Frederico Klug	02	03	04	01	-	-	02	03	-	05
06.	João Klug	02	01	02	01	-	-	02	01	-	03
07.	Carlos Klug	04	03	02	03	02	-	02	05	-	07
08.	Frederico Donner	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
09.	Christovão Kissner	04	04	02	02	04	-	02	06	-	08
10.	Carlos Tesch	02	02	02	02	-	-	02	02	-	07
11.	Augusto Starke	03	02	03	-	02	-	02	03	-	05
12.	Augusto Ittner	04	05	02	05	01	01	02	07	-	09
13.	Frederico Kannenberg	01	02	02	01	-	-	02	01	-	03
14.	Guilherme Butzke	02	01	02	01	-	-	02	01	-	03
15.	Frederico Kleinschmidt	04	01	02	02	01	-	02	03	-	05
16.	Guilherme Rausch	04	02	04	01	01	-	04	02	-	06
17.	Carlos Rausch	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
18.	Julio Janz	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
19.	Frederico Janz	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
20.	Frederico Klitzke	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
TOTAL		45	37	44	19	18	01	36	46	-	82
<b>XXV Distrito do ribeirão da Mulde</b>											
01.	Frederico Jansen	04	02	02	-	03	01	02	04	-	06
02.	Carlos Beckelberg	02	03	02	01	02	-	02	03	-	05
03.	Jozé Maul	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
04.	Francisco Sohmechel	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

05.	Carlos Kohls	03	02	02	01	02	-	02	03	-	05
06.	Christiano Hennig	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
07.	Augusto Hafemann	02	05	04	-	03	-	04	03	-	07
08.	Frederico Krieser	04	02	02	-	03	01	02	04	-	06
09.	Carlos Abel	02	05	02	02	02	01	02	05	-	07
10.	Theophilo Gellert	02	04	02	01	02	01	02	04	-	06
11.	Theophilo Hokus	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
12.	Deodado Weise	04	04	04	04	-	-	02	06	-	08
13.	Carlos Manger	03	02	03	02	-	-	02	03	-	05
14.	Henrique Gross	05	04	06	03	-	-	02	07	-	09
15.	Carlos Oestreich	03	03	02	04	-	-	02	04	-	06
16.	João Strassburger	03	04	02	04	01	-	02	05	-	07
17.	Frederico Grimm	02	04	02	04	-	-	02	04	-	06
18.	Guilherme Mühlssur	03	02	02	03	-	-	02	03	-	05
19.	Guilherme Hannig	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
20.	Frederico Baers	01	05	02	04	-	-	02	04	-	06
21.	Henrique Puff	02	03	02	02	01	-	02	03	-	05
22.	Carlos Nielsen	03	05	02	04	02	-	02	06	-	08
23.	João Wesphalen	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
24.	Francisco Koehler	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
25.	Carlos Hafemann	04	02	02	02	02	-	02	04	-	06
26.	Frederico Will	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
27.	Theophilo Breg	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
28.	Guilherme Winter	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
29.	Frederico Wendt	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
30.	Frederico Keilhack	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Distrito de povoação Blumenau	Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01/10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos
31.	Carlos Gessner	05	01	04	02	-	-	02	04	-	06
32.	Frederico Zieser	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
33.	Henrique Off	02	04	02	-	04	-	02	04	-	06
34.	Guilherme Scheel	02	03	02	01	02	-	02	03	-	05
35.	Henrique Weiss	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
36.	Guilherme Steinbrink	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
37.	Claudio Weiss	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
38.	Carlos Wagenknecht	03	03	03	03	-	-	02	04	-	06
39.	Gustavo Zoelfel	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
40.	João Suhr	02	03	02	01	02	-	02	03	-	05
41.	Marcus Sievers	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
42.	Hartwig Reese	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
43.	Claus Stammerjohann	03	04	02	-	04	01	02	05	-	07
44.	Marcus Weiss	02	04	02	-	03	01	02	04	-	06
45.	Henrique Lohss	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
46.	Jayme Urban	02	04	02	-	04	-	02	04	-	06
47.	Godofredo Siewers	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
48.	Pedro Schramm	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
49.	Henrique Jahn	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
50.	Carlos Krüger	01	03	03	01	-	-	-	04	-	04
51.	João Barg	05	02	02	03	02	-	02	05	-	07
52.	Guilherme Nass	02	02	03	-	01	-	02	02	-	04

53.	João Severin	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
54.	João Westphalen	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
55.	Christiano Hafemann	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
56.	Rudolpho Kellermann	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
57.	Luiz Weise	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
58.	Bernardo Gessner	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
59.	Roberto Krussig	02	02	02	01	01	-	02	02	-	04
60.	Ernesto Pieritz	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
61.	Carlos Gross	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
62.	Hermano Gross	02	-	02	-	-	-	02	-	-	02
63.	Henrique Becker	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
64.	Henrique Zemke	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
65.	Carlos Züls	01	03	02	-	02	-	02	02	-	04
66.	Hermano Gessner	01	-	1	-	-	-	-	01	-	01
TOTAL		137	127	134	53	71	06	110	154	-	264
<b>XXVI Distrito da povoação de Badenfurt</b>											
01.	Gustavo Meuche	03	03	02	02	02	-	02	04	-	06
02.	Pedro Goetzinger	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
03.	Theophilo Pietsch	03	01	03	01	-	-	02	02	-	04
04.	Henrique Fischer	01	02	02	-	-	01	02	01	-	03
05.	Frederico Lange	02	01	02	01	-	-	02	01	-	03
06.	Antonio Reichel	03	01	02	-	01	01	02	02	-	04
07.	Carlos Hoffmann	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
08.	Francisco Moegel	05	02	02	-	04	01	02	05	-	07
TOTAL		19	11	16	04	17	13	14	16	-	30



Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Distrito de povoação Blumenau	Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01/10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos
<b>XXVII Distrito da povoação de Passo Manso</b>											
01.	Gustavo Labes	05	03	02	02	04	-	02	06	-	08
02.	Jozé Dorner	01	01	02	-	-	-	02	-	02	-
03.	Julio Paupitz	05	03	03	03	02	-	02	06	-	08
04.	Abraão Meldola	04	02	02	02	02	-	02	04	-	06
TOTAL		15	09	09	07	08	-	08	16	02	22
<b>XXVIII Distrito do Ribeirão Branco</b>											
01.	Jasper Kroeger	02	02	02	02	-	-	02	02	-	04
02.	Carlos Grosskreuz	02	03	03	02	-	-	02	03	-	05
03.	Fernando Glau	03	02	02	02	01	-	02	03	-	05
04.	João Ohf	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
05.	Henrique Hardt	02	01	03	-	-	-	-	03	-	03
06.	Henrique Strebe	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
07.	Frederico Lüders	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
08.	Theophilo Metzner	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
09.	Carlos Herchert	03	05	02	03	03	-	02	06	-	08
10.	Luiz Schubert	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
11.	Othão Wehmuth	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
TOTAL		19	17	21	09	06	-	19	22	-	36
<b>XXIX Distrito do Ribeirão do Gaspar</b>											
01.	Carlos Hoesche	01	01	02	-	-	-	02	-	02	-
02.	João Joaq. Domingos	01	-	01	-	-	-	-	01	01	-
03.	Martim Pasqual	02	01	02	02	02	-	02	04	06	-

04.	Jozé Maria de Souza	04	04	04	02	02	-	02	06	08	-
05.	Jacyntho de Aragão	01	03	02	-	02	-	02	02	04	-
06.	Jayme Eberhardt	03	07	04	03	03	-	02	08	10	-
07.	Nicolau Schmidt	03	01	02	02	-	-	02	02	04	-
08.	Jayme Zimmermann	02	02	02	-	02	-	02	02	04	-
09.	João Francisco da Cunha	06	03	02	05	02	-	02	07	09	-
10.	Herm. Schramm	06	03	03	03	03	-	02	07	09	-
11.	João Schramm	03	02	02	01	01	01	02	03	05	-
12.	Americo Jozé Suarez	03	04	02	-	05	-	02	05	07	-
13.	João Reitz	01	02	02	01	-	-	02	01	03	-
14.	Antonio Rincus	02	02	02	02	-	-	02	02	03	01
15.	Fran. <sup>co</sup> Schramm	06	02	02	03	03	-	02	06	08	-
16.	João Zimermann	03	04	02	-	05	-	02	05	07	-
17.	Manoel Pereira	01	07	02	01	05	-	02	06	08	-
18.	Diogo Roque da Silva	03	03	02	-	04	-	02	-	06	-
19.	Bernardino Jozé d'Oliveira	04	05	02	02	05	-	02	07	09	-
20.	Benigno Jozé d'Oliveira	05	09	02	08	04	-	02	12	14	-
21.	Antonio Deschamps	04	03	02	-	05	-	02	05	04	03
22.	Augusto Isensee	02	01	02	-	-	01	02	01	03	-
23.	Manuel Melchior de Carvalho	01	04	02	-	03	-	02	03	05	-
24.	Philippe Schneider	07	04	02	04	05	-	02	09	11	-
25.	Jacyntho de Borba Cuelho	04	03	03	-	04	-	02	05	07	-

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos			Estado civil		Religião		
		Distrito de povoação Blumenau	Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01/10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos
26.	Nicolau Bonhofer	02	02	02	-	02	-	02	02	04	-
27.	Felicio Dias de Arazão	01	-	01	-	-	-	-	01	01	-
28.	Fran. <sup>co</sup> Vieira Popoloni	01	02	03	06	-	-	02	07	09	-
29.	Augusto Keunecke	03	04	02	-	05	-	02	05	-	07
30.	Gustavo Brandes	03	03	02	-	04	-	02	04	-	06
31.	Bernardo Scheidemantel	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
32.	Augusto Hoppmann	01	02	02	01	-	-	02	01	-	03
33.	Fernando Hahne	04	01	04	01	-	-	02	03	-	05
34.	Theophilo Huscher	03	04	04	-	03	-	02	05	-	07
35.	Augusto Müller	06	03	02	03	04	-	02	07	-	09
36.	Henrique Hohl	03	02	02	-	02	01	02	03	-	05
37.	Pedro Lucas	07	05	03	05	04	-	02	10	-	12
38.	Sebastiano Theiss	04	06	02	04	04	-	02	08	09	01
39.	Pedro Wagner	05	06	02	04	04	01	02	09	-	11
40.	Luiz Schneider	05	04	02	02	05	-	02	07	09	-
41.	Jayme Theiss	05	03	06	01	01	-	02	06	07	-
42.	Valentino Theiss	04	05	06	03	-	-	02	07	08	01
43.	Nicolau Behrens	02	01	03	-	-	-	02	01	03	-
44.	Jozé Haendchen	06	04	05	04	01	-	02	08	10	-
45.	Luiz Altenburg	02	02	02	-	01	01	02	02	-	04
46.	Julio Gaertner	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
47.	João Deschamps	04	03	02	-	05	-	02	05	07	-
48.	Frederico Deschamps	05	03	02	-	04	02	02	06	08	-

49.	Pedro Deschamps	01	-	01	-	-	-	-	01	01	-
50.	Luiz Wagner	06	08	02	06	06	-	02	12	13	01
51.	Pedro Zimmermann	03	01	02	-	02	-	02	02	04	-
52.	Nicolau Deschamps	06	03	04	05	-	-	02	07	09	-
53.	Philippe Weingaertner	06	03	04	05	-	-	02	07	-	09
54.	Chrisphão (sic) Josiger	03	03	06	-	-	-	02	04	-	06
55.	Bernardo Klinger	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
56.	Augusto Herbst	02	02	03	-	01	-	02	02	-	04
57.	viúva Seyffert	02	06	03	03	02	-	02	06	-	08
58.	João Voigt	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
59.	Gustavo Brandes	05	06	05	02	04	-	02	09	-	11
60.	Augusto Keunecke	04	04	02	01	05	-	02	06	-	08
61.	Luiz Michel	02	03	02	-	02	01	02	03	-	05
62.	viúva Jasper	-	01	01	-	-	-	-	01	-	01
63.	Christiano Metzner	03	03	04	-	02	-	02	04	-	06
64.	Frederico Eger	03	02	02	-	03	-	02	03	-	05
65.	Augusto Hering	05	03	02	03	03	-	02	06	-	08
66.	Chr. Boehme	01	01	02	-	-	-	-	02	-	02
67.	Carlos Barth	03	06	03	02	04	-	02	07	-	09
68.	Carlos Brebyst	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
TOTAL		222	211	172	100	153	08	126	307		

Distrito	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
	Mas.	Fem.	Acima de 20	10/20	01/10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos	Evangélicos
<b>RECAPITULAÇÃO</b>										
I Distrito da povoação Blumenau	263	291	252	123	155	024	182	372	061	493
II Distrito do Vale do Retiro	029	017	017	011	018	-	014	032	-	046
III Distrito do Rib. do Garcia, margem Direita	148	120	109	062	084	013	086	182	043	225
IV Distrito do Rib. do Garcia, margem esquerda	061	070	056	031	040	004	048	083	030	101
V Distrito do Rib. Jordão	019	016	020	010	005	-	012	023	-	035
VI Distrito do Rib. Caethé	018	013	018	-	009	004	014	017	016	015
VII Distrito do rio do Itajaí, margem direita	396	377	352	166	228	027	280	493	117	656
VIII Distrito do Rio do Itajaí, margem esquerda	346	329	297	111	240	027	246	429	24	435
IX Distrito do Rio do Testo, margem direita	260	269	250	116	153	010	220	309	072	457
X Distrito do Rio do Testo, margem esquerda	283	283	270	088	192	016	221	345	088	478
XI Distrito do Rib. da Itoupava, margem direita	167	170	164	028	135	010	138	199	030	307
XII Distrito do Rib. da Itoupava, margem esquerda	077	079	081	016	055	004	069	087	008	148
XIII Distrito da estrada do Rib. Itoupava p/ Rio do Testo	067	082	064	024	057	004	058	091	034	115
XIV Distrito do Rib. do Encano, margem direita	076	057	067	031	028	007	062	071	008	125
XV Distrito do Rib. do Encano, margem esquerda	062	060	063	023	029	007	052	070	037	085

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

XVI Distrito da povoação do Encano	020	014	016	005	011	002	014	020	-	034
XVII Distrito do Rib. do Warnow, margem direita	030	030	030	006	021	003	028	032	-	060
XVIII Distrito do Rib. do Warnow, margem esquerda	037	030	034	017	015	001	030	037	-	067
XIX Distrito do Rib. da Ilse	024	016	019	004	015	002	016	024	-	040
XX Distrito do Rio do Benedito, margem direita	098	098	096	020	067	013	092	104	008	188
XXI Distrito do Rio do Benedito, margem esquerda	075	071	084	011	045	006	068	078	-	146
XXII Distrito da povoação do Benedito	015	014	019	002	007	001	016	013	-	029
XXIII Distrito do Rio dos Cedros, margem direita	021	018	024	001	013	001	022	017	-	039
XXIV Distrito do Rio dos Cedros, margem esquerda	045	037	044	019	018	001	036	046	-	082
XXV Distrito do Ribeirão da Mulde	137	127	134	053	071	006	110	154	-	264
XXVI Distrito da Povoação do Badenfurt	019	011	016	004	007	003	014	016	-	030
XXVII Distrito da povoação do Passo Manso	015	009	009	007	008	-	008	016	002	022
XXVIII Distrito do Ribeirão Branco	019	017	021	009	006	-	014	022	-	036
XXIX Distrito do Ribeirão do Gaspar	222	211	172	100	153	008	126	307	259	174
TOTAL	3049	2936	2798	1098	1885	204	2296	3689	1053	4936
	5985		5985			5985		5985		

**- O andarilho  
do Brasil  
- Ninguém  
conhece  
ninguém  
- Variadas**

**TEXTO:**

**ENÉAS  
ATHANÁZIO\***

**BLUMENAU**  
*em Cadernos*

## **O Andarilho do Brasil**

Jorge Baleeiro de Lacerda é um misto de escritor e aventureiro que lembra o franco-suíço Blaise Cendrars. Só teve a boa sorte de não perder o braço, como ele, -- o que levou Oswald de Andrade a apelidá-lo de "pirata", -- porque suas viagens, embora muitas, se restringem ao território brasileiro e não temos o mau vezo de decepar braços em cruentas guerras. Conhecido como "Andarilho do Brasil", ele não aceita o mero aprendizado de gabinete. Depois de voraz leitura, sente-se impelido a testar na prática o que aprendeu e para isso se lança em intermináveis andanças que já o levaram a todos os recantos do País, cujo território conhece a palmo. Cidades e vilas, rodovias e carreiros, rios e lagoas, ilhas e praias, sertões, campos e florestas -- não há onde não tenha metido o bedelho em busca de informação correta, da confirmação exata, do curioso e do pitoresco existentes neste País imenso, pelo qual alimenta amor e interesse sem limites.

Voltando, bronzeado pelo sol nordestino ou entanguido pelo gélido minuano, cofia os bigodes e se põe a documentar o que viu em textos que vão além do artigo e atingem o *status* do ensaio. Repletos de dados informativos, anotações minuciosas, observações argutas e bibliografia específica, não lhes falta nem mesmo a dose de humor e calor humano que os aproximam da crônica. São perfeitos roteiros para quem pretenda visitar a região ou estudar o tema abordado.

Publicados na imprensa, com a sucessão de leituras e viagens, esses ensaios formaram um acervo admirável de documentos sobre o Brasil.

---

\* Escritor e Advogado.

Abordam aspectos os mais variados, muitos deles desconhecidos, como a obra do romancista judeu-caboclo Paulo Jacob, considerado o Guimarães Rosa da Amazônia pelas inovações lingüísticas que usou nos seus nove romances. Não ficaram de fora figuras que ajudaram a fazer o Brasil, como Mário Ipyranga Martins, conhecido pela enciclopédica cultura amazônica; Bruno de Menezes, o grande poeta, pioneiro do modernismo naquela região; José Calazans, o “expert” em Canudos; o Padre Antônio Vieira, estudioso dos jumentos; Luiz Gonzaga, o rei do baião; Mário Souto Maior, o mestre do folclore; Darcy Ribeiro, o antropólogo que nos deu uma filosofia nacional; Glauber Rocha, o inovador de nosso cinema; o tenente Luiz Reis, cinegrafista de Rondon, hoje esquecido; Nunes Pereira, sábio pouco lembrado, e tantos outros.

Não faltam os antropólogos, desde Levy-Strauss e seus “Tristes Trópicos”, até os índios e suas respectivas culturas: caiapós, carajás, maiorunas, xerentes, ticunas, xavantes, parecis, guajajaras, kadivéus, xóklengs e caingangues etc., revelando o mundo sem fim que elas representam, mostrando-nos o que fomos no passado.

Lá estão, ainda, as grandes reportagens, como a viagem no trem da Vale do Rio Doce, entre São Luís e Parauapebas, no Projeto Grande Carajás, ao longo de 811 km, o trabalho dos carpinteiros fluviais, as viagens nos navios gaiolas, as andanças pelas selvas, salinas, fazendas, praias, pescarias, lugares de romarias, ervais, serras, cachoeiras, quilombos, museus, bibliotecas, casas de cultura, arquivos etc. Não faltam nem mesmo as neves de São Joaquim e a descida da Serra do Rio do Rastro com seus indescritíveis panoramas.

Tudo isso e muito mais, enriquecido por fotos, desenhos, mapas e mil ilustrações, está agora no livro-álbum “Os Dez Brasís”, de Jorge Baleeiro de Lacerda, já em sua quinta edição, com bela apresentação gráfica. É o presente que esse paraense radicado no Paraná dá ao Brasil que tanto ama -- um curso completo sobre a própria alma do País !

### Ninguém conhece ninguém

Eu me encontrava na Livraria Guignone, em Curitiba, quando entrou Leonardo Hemke, considerado um dos grandes poetas românticos do Paraná, hoje falecido. Começamos a conversar, caminhando entre as estantes, quando se aproximou uma vendedora, minha conhecida de muitos



anos. Logo percebi que ela não conhecia o poeta, a julgar pelo pouco caso com que o tratava, e me apressei a fazer a apresentação.

– Este é Leonardo Hemke, um dos maiores poetas do Paraná -- eu disse.

Ela fez uma expressão de surpresa e falou em voz alta, no ambiente silencioso, escandindo as sílabas:

– Nunca ouvi falar !

Notando o constrangimento do poeta, logo me arrependi de minha delicadeza, e tratei de mudar de assunto. Voltamos a andar entre as estantes e ele, bem humorado, começou a rir do incidente. Eu aprendi a nova lição de que certos gestos não são para qualquer um e sempre que me recordo do fato me vem à memória o saudoso amigo Sílvio Meira, professor, jurista, ensaísta, tradutor, poeta, doutor “honoris causa” de universidades estrangeiras e que se dizia um quase desconhecido no Brasil. “Ninguém conhece ninguém ...” – repetia ele.

### Variadas

– “A literatura não é mais do que contar histórias”, disse o Nobel Saramago, espantando aqueles que imaginam ser a literatura uma espécie de filosofia, ainda que, às vezes, barata. Ele esteve em Florianópolis para várias solenidades, sendo recebido em almoço pela nossa UBE-SC.

– Faleceu no Rio de Janeiro, aos 82 anos de idade, o jornalista e escritor Fagundes de Menezes, presidente da UBE-RJ, de cujas mãos recebi o prêmio Mérito Cultural, em 1998. Homem de vasta experiência jornalística, era tido como um mestre entre os colegas.

– “A vida é um romance sem enredo”, costumava dizer Pedro Nava, cujas entrevistas mais interessantes foram reprisadas pela TV Cultura. “É preciso catar os piolhos da frase, acariciar a frase”, dizia ele, afirmando que “a experiência é como um carro com as luzes voltadas para trás.” Depois de tantos anos, até hoje não se desvendou o mistério de sua morte.

– Carlos Fuentes, célebre escritor mexicano, escreve à mão para ter contato direto com a frase. Prega pelo mundo a fora a criação de uma Academia da Latinidade, para ele a única forma de preservar nossa cultura neolatina, invadida a cada dia pelas coisas impostas pelo poder econômico que vem de fora. Pelo menos numa coisa somos iguais, Fuentes, o catarinense Cristovão Tezza e eu – os três escrevemos à mão. Não estou só !

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

- ) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números)
- ) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números)
- ) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
- ) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)



Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **2000** (Tomo 41). Anexo a este cupom a quantia de R\$ .....,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:



Forma de pagamento:

Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

Cheque

Banco: .....

Número: .....

Valor: R\$ .....

**Dados do assinante:**

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Caixa Postal: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_ Fone p/ contato: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_



.....

Assinatura

**Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"**

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

## Apoio Cultural:

Aiga Barreto Mueller Hering

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

Mark Deeke

**Victória Sievert**

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Cremer S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

**Eletro Aço Altona S/A**

**Cia. Hering**

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

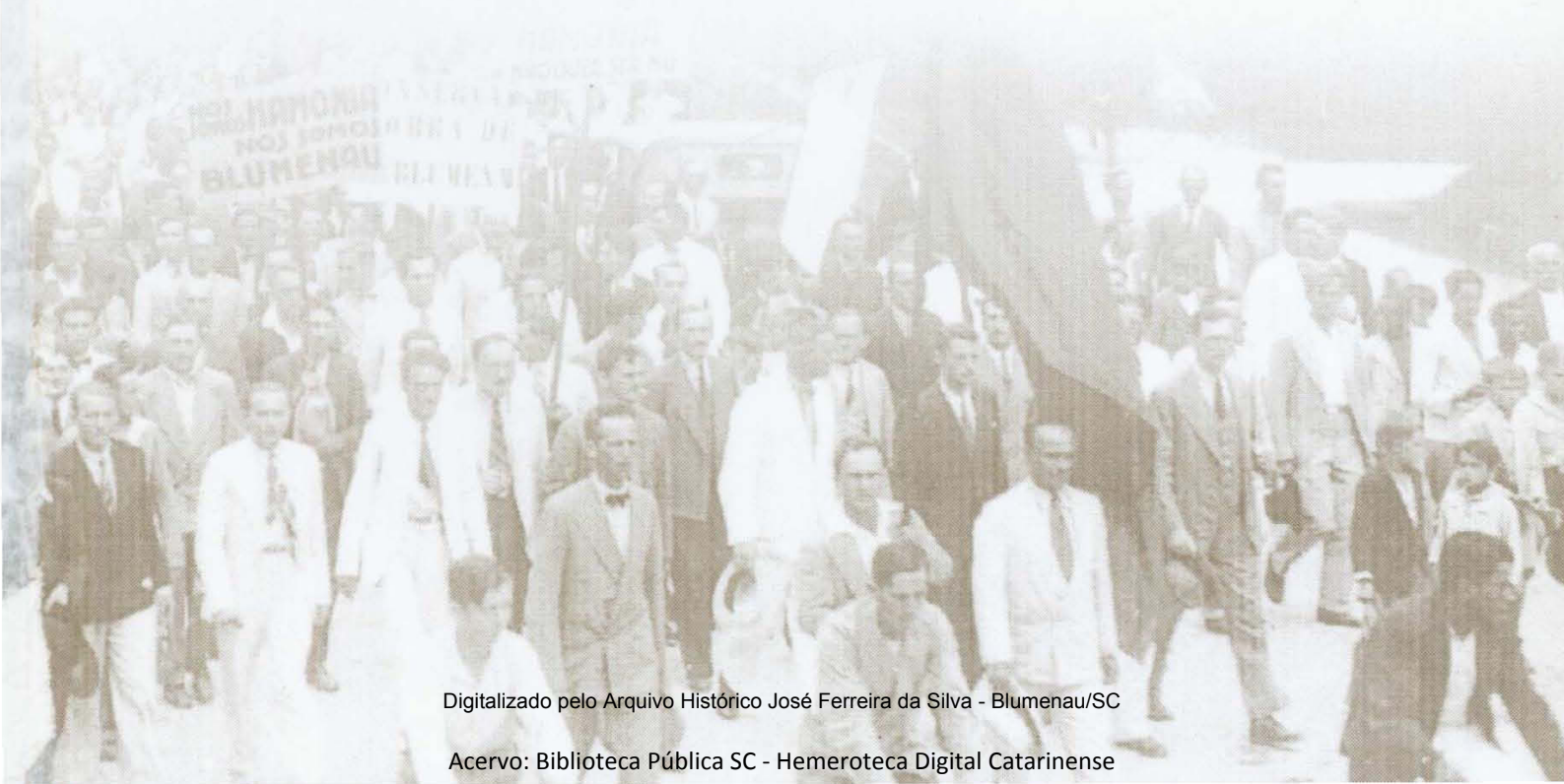
Madeiraira Odebrecht

Transformadores Mega Ltda.

Unimed Blumenau

**BLUMENAU**  
*em Cadernos*

**TOMO XLI**  
Abril de 2000 - N°. 04



**B**lumenau, até o ano de 1930, contava com uma área territorial de 10.610 km<sup>2</sup>, distribuídos entre 11 distritos. O Governo Estadual, sob a alegação de serem os distritos dotados de população, território e desenvolvimento econômico, através de decretos, iniciou o desmembramento do grande Município.

Um clima tenso se criou, o povo de Blumenau insurgiu-se contra o retalhamento e foi às ruas protestar sob a forma de passeata, munido de cartazes e faixas, demonstrando todo o seu descontentamento.

Os discursos inflamados e o engajamento da população aumentaram a animosidade e resultaram na prisão de alguns mais exaltados. Esta manifestação ocorreu em 1934 e ficou registrada na história regional como "**Movimento por Blumenau Unido**".

# Desmembramento De Blumenau

